

Sumário

Sentido de uma vida incrédula - 24/12/2020	2
Sobre a plasticidade cerebral e outros princípios de seu funcionamento interno - 23/12/2020	3
Informação gödeliana anti-IA - 03/12/2020	5
Quine e os problemas do positivismo lógico* - 02/11/2020	8
O programa do positivismo lógico [i] - 18/10/2020	11
Meu ego - 08/10/2020	13
Linguagem Referencial - 03/10/2020	14
Wittgenstein: o paradigma e os usos empírico e analógico[i] - 22/09/2020	17
Wittgenstein e a teoria da figuração - 14/09/2020	18
Trazendo a segunda pessoa para o debate - 06/09/2020	20
Muita live - 03/09/2020	22
A religião é a merda do povo - 22/08/2020	23
O mistério das coisas - 16/08/2020	25
Guia introdutório ao pensamento kantiano[i] - 28/07/2020	26
A Filosofia e o conceito - 21/07/2020	29
Quebrar as máquinas - 09/07/2020	30
A crença primordial na realidade do mundo[i] - 29/06/2020	31
Livre direito de manifestação - 18/06/2020	34
Inteligência Artificial: o caminho da representação cognitiva ao dinamismo do Dasein[i] - 11/06/2020	35
O MITO DE DESCARTES[i] - 25/05/2020	38
Mente gorda ou mente magra? - 09/05/2020	41
Psicologia Popular* - 02/05/2020	42
Introdução à intencionalidade em Searle[i] - 27/04/2020	44
Investigação da mente: evolução e intencionalidade[i] - 20/04/2020	45
Xô coronga - 18/04/2020	48
A consciência subjetiva é parte da realidade* - 10/04/2020	50
Nunca fomos tão burgueses - 07/04/2020	54
Não tem ninguém na rua - 28/03/2020	54
Terraplanismo - 26/03/2020	56

Critérios de Mesmidade[i] - 25/03/2020.....	57
Emergentismo - 08/03/2020	59
Uma consciência, uma dificuldade - 03/03/2020.....	60
Duas acepções de identidade[i] - 19/02/2020	62
Preliminares da teoria da identidade - 12/02/2020.....	63
A consciência da ginoide[i] - 26/01/2020	64
Filosofia da Sobrevivência - 16/01/2020	65
Searle on Intentionality[i] - 30/05/2020	68
Forget to learn about consciousness for a while[i] - 28/04/2020.....	71
The Equator Line[i] - 14/04/2020.....	72
Decoupling the decision[i] - 01/04/2020	73
Is there afterlife?[i] - 14/03/2020	74
The consciousness of the Universe[i] - 03/03/2020.....	75
The soul is just a function* - 28/01/2020.....	76
Status of our investigation of brain and consciousness so far (18/01/2020) - 19/01/2020	77

Sentido de uma vida incrédula - 24/12/2020

Não é necessário que uma vida tenha sentido, porém, para uma vida criada nos desígnios religiosos, tal esclarecimento é suscitado. A teleologia de uma vida semeada no seio cristão traz a proeminência de uma justificativa que possibilite argumentação externa e convencimento próprio.

Pois bem, o ethos da religião cristã dá sentido à vida terrena, visto que há uma vida além desta cujo direito de ser vivida deve ser conquistado. O rumo que essa vida deve tomar vem da bíblia, seja diretamente pelo crente ou via um sacerdote ou instituição que a traduz.

O cristão é formado em tais preceitos e não existe brecha para contestação. A religião é artigo de fé. Em um estado laico, como o Brasil, há poucas opções e as instituições salvaguardam a supremacia religiosa. Tentativas de escape não são bem vindas.

Porém, casos de emancipação podem ocorrer, muito embora não haja garantia de certeza. Mas, se temos que procurar algo em que nos guiarmos em uma vida agnóstica, talvez a melhor saída seja a orientação ética. A incredulidade, quando acomete, seja religiosa ou um ceticismo filosófico, não pode nos relegar a uma falta de norte.

A saída ética que pode nos guiar é individual e coletiva. É a ética do que defendemos para nós e através da qual engajamos os demais, nossos coirmãos. Pode ser uma ética ecológica, inclusiva, pansexual, socialista, pluralista ou emancipatória. Contudo, não importa, não há valores predefinidos, a construção se da sobre o que nos afeta, o que nos oprime ou liberta.

Mais do que se definir, precisamos delimitar o que deve ser evitado: a aposta na superstição e o compromisso com a evangelização, males maiores da religião. Se não temos que negar a finalidade da vida, muito menos temos que nos preocupar com a finalidade que cada um toma para sua vida, por mais que o diálogo seja sempre recomendado, senão estimulado.

Sobre a plasticidade cerebral e outros princípios de seu funcionamento interno - 23/12/2020

Trataremos de alguns princípios mais relevantes em um primeiro contato com a dinâmica do cérebro, porém sem rigor técnico[i]. Importa o entendimento geral e algumas reflexões a partir desse exame do órgão composto por em torno de 86 bilhões de neurônios e 1 quatrilhão de sinapses[ii] (1.000.000.000.000.000).

Duas considerações iniciais: 1.) Nicolelis chama de solenoide a forma como os neurônios se organizam em laços para se relacionarem e transmitir informações e 2.) importa ressaltar que, como estamos verificando a parte interna do cérebro, temos receptores sensoriais, que se encontram no tálamo, para comparar as informações do mundo com a do nosso cérebro. E o primeiro e mais importante princípio: a _plasticidade_neural, ou seja, a capacidade do cérebro de se modificar tanto anatomicamente quanto funcionalmente, seja pelo aprendizado, mudanças no corpo, engajamento social etc. E a variação do número e distribuição das sinapses que ocorrem nos solenoides.

A fé move montanhas? Nicolelis relata experimentos realizados em seu laboratório em Duke como, por exemplo, o implante de neuro próteses em ratos que permitiram aos animais identificarem a luz infravermelha. Tais

experimentos vão no sentido das pesquisas de interface cérebro-máquina e o famoso Projeto Andar de Novo, através dos quais o neurocientista e sua equipe puderam conhecer melhor o funcionamento do cérebro.[iii]

O implante de multieletrodos em ratos interferindo em seu sistema motor e os demais experimentos demonstram como as _populações de neurônios trabalham de maneira interconectada e distribuída_. Nicolelis traz o esquema do braço robótico que é movimentado através de comandos via chips conectados a um cérebro e transmissores sem fio, de onde constatamos que talvez não seja exatamente a fé que move montanhas... Mas, seria o pensamento capaz de mover uma pedra que estivesse sobre uma superfície móvel controlada por ele?

Outros princípios:

- Massa neural : mais neurônios em uma população, maior a contribuição em um determinado padrão comportamental;
- Multitarefa : mesmo neurônio pode contribuir com mais de um comportamento/parâmetro motor;
- Redundância : não há um padrão fixo e o recrutamento de neurônios para tarefas é ad hoc, ou seja, não ocorre ao mesmo tempo e varia expressamente, oferecendo proteção contra falhas;
- Contextualização : para responder aos estímulos sensoriais exteriores;
- Conservação de energia: se há um trabalho excessivo por determinadas populações de neurônios, outras trabalharão menos.

Atividade antecipatória. Um princípio que Nicolelis também identifica em ratos é a atividade antecipatória, nos roedores associada ao uso das vibrissas que funcionam como dedos, localizando-os. Essa atividade antecipatória está ligada ao ponto de vista do cérebro, ponto de vista interno proveniente da história perceptual do indivíduo, do estado dinâmico do cérebro, das expectativas de cada situação e dos valores que experimentamos.

Experimentos feitos pela equipe do catedrático em macacos mostra que há uma reconfiguração dos parâmetros quando há mudança na recompensa que era esperada ser recebida em determinada tarefa. Isso reforça a plasticidade : o cérebro continuamente se reformata e se antecipa. De novo, perguntamos: onde está localizada, em nosso processo decisório, essa predição? Faz parte do inconsciente? Em nosso dia-a-dia, ficaria essa atividade preditiva facilitada pelos ciclos (dia-noite-semana-etc.)? Seria trabalho do cérebro conservar

energia até atingir uma zona de conforto ou é exatamente essa zona de conforto que traz uma não evolução neuronal?

Enfim e por fim, há uma capacidade central do cérebro de aprender e se auto adaptar, característica não encontrada nos computadores. Nicolelis também cita o caso de cegos que redirecionam seus neurônios para tratar os novos impulsos sensoriais. Todos esses princípios compõem a Teoria Relativística do Cérebro proposta por Nicolelis e a conceituação do córtex como entidade contínua.

* * *

[i] Nicolelis, Miguel. _O verdadeiro criador de tudo: Como o cérebro humano esculpiu o universo como nós o conhecemos._ São Paulo: Planeta, 2020. Notas do capítulo IV.

[ii] Conforme Toda Matéria, link
<https://www.todamateria.com.br/sinapses/>
acessado em 17/12/2020, sinapse é a região localizada entre neurônios onde agem os _neurotransmissores_ (mediadores químicos), transmitindo o impulso nervoso de um neurônio a outro, ou de um neurônio para uma célula muscular ou glandular.

[iii] Nicolelis cita Young como pioneiro nesse estudo ao postular o sistema RGB, de como o cérebro trabalha com os neurônios em conjunto para trazer a experiência da composição das cores.

Informação gödeliana anti-IA - 03/12/2020

Nicolelis já anuncia a força do conceito no capítulo 1: “introduzo uma noção fundamental para a minha tese central: uma nova definição operacional para o conceito de informação, que chamei de informação gödeliana, podendo ser manipulada por tecidos orgânicos e cérebros animais como o nosso[i]”.

Pois bem, no capítulo 3 a informação gödeliana entra em cena para interagir com o bit de Shannon. Por um lado, a informação medida em bits é a informação digital, por outro lado nosso cérebro e nosso organismo armazenam informação

não quantificável (um punhado). E são justamente essas noções que me despertam velhos fantasmas^[ii]:

1. Como processamos e armazenamos as informações do mundo?
2. Em que momento ocorre nosso processo decisório?
3. Há decisões conscientes?
4. Haveria espaço para o livre-arbítrio em alguma situação?
5. Haveria espaço para um epifenomenalismo?

O grau com que venho me tornando descrente já me faz praticamente abandonar a última questão e talvez me torne um materialista radical^[iii]. E, pelo que aparenta até agora, a argumentação de Nicolelis procede nesse sentido, é evidente, já que o criador de tudo é o cérebro orgânico [e suas ficções?]^[iv].

Se voltarmos para as questões iniciais vemos que elas dão conta de um assunto inter-relacionado e que tentei tratar _en passant_ em um trabalho acadêmico. Convém esquematizar o raciocínio pobre.

Imaginando que a figura acima ilustra um esquema epifenomenalista, ou seja, a mente seria espirrada do cérebro como uma sobra ou uma fumaça de um processo de combustão. O organismo, por sua vez e pelos sentidos, absorve o que está por aí, seja no mundo ou nas entrelinhas, nas nuances[[v]](file:///C:/Users/quissak-1/Desktop/Informa%C3%A7%C3%A3o%20g%C3%B3deliana.docx#_edn5). O trabalho acadêmico era sobre educação e, qual foi o ponto: problematizar o torpedeamento informativo, a guerra de narrativas que, proveniente do mundo, influenciaria corpo, cérebro e mente (etc.). Isso seria possível em esquema onde não há uma decisão consciente, voluntária tão clara, tão óbvia. O trabalho foi um fiasco.

Entretanto, a informação gödeliana que Nicolelis conceitua, também advoga

contrariamente ao nosso argumento, pois ela ainda salvaguardaria a livre decisão, inclusive recorrendo-se aos experimentos de Libet! [vi] Mas então voltemos ao terceiro capítulo e vamos fazer um recorte da argumentação do pensador catedrático.

* * * * *

De acordo com Nicolelis, viver consiste em dissipar energia para embutir informação no organismo. Ou seja, há uma base termodinâmica na argumentação que ele traz de Prigogine[vii]. Nicolelis observa que árvores estocam informação climática em seus anéis enquanto crescem. Assim como em nosso processo de aprendizado há um armazenamento de memórias no tecido nervoso – essa é a plasticidade do cérebro, sua capacidade de mudar de configuração física.

Então, a termodinâmica da vida é dissipar energia para produzir conhecimento. “O que é a vida?”, perguntaria Abu[viii]. A vida é liberar calor (respirar). Há queima de alimentos pelo oxigênio[ix]. É um processo de entropia que gera informação. E aí Nicolelis vai ao pai do bit, Shannon, bit: unidade de mensuração (S-info). E aqui o interessante é que informação é a medida incerteza, informação é surpresa. Ou seja, a mesmice não traz informação. Mas o bit é a medida é o computador digital. É Turing.

Por outro lado, Gödel conceitua a informação contínua e analógica (G-info) e que não pode ser copiada por um algoritmo. E Nicolelis mostra sua face anti-IA. A abstração mental é a conversão computador-cérebro (“S-info”-“G-info”). Entretanto, o computador não da conta do ambíguo, como o cérebro. É uma relação sintático-semântica. E ocorre que, nessa perspectiva, a possível experiência da decisão inconsciente de Libet torna-se uma decisão da G-info acumulada que é armazenada pela queima de energia que traz o acúmulo orgânico.

* * *

[i] Nicolelis, Miguel. *_O verdadeiro criador de tudo: Como o cérebro humano esculpiu o universo como nós o conhecemos_*. São Paulo: Planeta, 2020. Pg. 18.

[ii] Não tão velhos assim...

[iii] Será?

[iv] Segundo Nicolelis, o cosmos é uma gigantesca massa de informação

esperando observação.

[v] Pensemos que mesmo a fumaça dissipada pela combustão e que “não serve para nada” vai para algum lugar.

[vi] Ver: <https://www.reflexoesdofilosofo.blog.br/2018/03/nao-estamos-no-comando.html>.

[vii] Nobel de química de 1977. Termodinâmica: parte da física que estuda as trocas ou transformações de energia.

[viii] Houve uma resposta anterior:

<<https://www.reflexoesdofilosofo.blog.br/2014/08/serie-3-perguntas-eu-respondo.html>>.

[ix] Conforme <http://www.usp.br/qambiental/combustao_energia.html>, acesso em 3/12/2020: A respiração é um processo de combustão, de “queima de alimentos” que libera energia necessária para as atividades realizadas pelos organismos. É interessante notar que a reação inversa da respiração é a fotossíntese (...) onde são necessários gás carbônico, água e energia (vinda da luz solar) para liberar oxigênio e produzir material orgânico (celulose) utilizado no crescimento do vegetal.

Quine e os problemas do positivismo lógico* - 02/11/2020

A asserção inicial de Quine que Schwartz nos traz já revela a eficácia dos mitos sobre os quais se assentam nossa base epistemológica: quando um físico leigo acredita em objetos físicos. Nesse sentido do conhecimento, o tema em que Quine está aqui inserido é o do desmantelamento do Positivismo Lógico e das ideias do Tractatus, ou seja, a rejeição do uso da lógica formal para “resolver” problemas filosóficos e na direção de uso da uma linguagem comum[i].

Quine é um empirista pragmático estadunidense que pretende arrumar o empirismo que ainda apresentava resíduos da velha filosofia no programa positivista, como, por exemplo:

- Confiança na teoria dos dados dos sensoriais;

- Reducionismo;
- Lógica Formal;
- Princípio de Significatividade[ii].

****A ruína do critério de verificabilidade para a significação.**** Para o positivismo, o enunciado é significativo _sse_ é ou uma tautologia (ou uma autocontradição) ou empiricamente verificável (ou falsificável). Então todo conhecimento não analítico se baseia na experiência e a eliminação da metafísica pela aplicação da lógica passa pela destituição de seu significado pela semântica da linguagem.

Hempel procura mostrar que o critério de verificabilidade da significação (ou critério empírista do significado cognitivo, como ele o chamava) era um trabalho prodigioso, porém uma tarefa irrealizável. Além de apresentar um problema autorreferencial: o critério de verificabilidade da significação não se aplica a si mesmo pois é cognitivamente sem sentido, daí que se torna uma recomendação. Mas, se é assim, por que segui-lo?

****Da significação à verificabilidade.**** Popper irá propor um critério diferente de demarcação baseado no princípio da falsificação, ou seja, de falsificabilidade ou refutabilidade e, portanto, testabilidade das proposições. Levando-se em conta esse critério de Popper o marxismo seria intestável.[iii]

O problema do critério de Popper é a dificuldade em se testar teorias científicas de maneira direta, pois até o darwinismo seria não testável assim, se tornando uma “metafísica útil”. Porém, o critério da verificabilidade de Popper é menos rígido que o critério de verificabilidade da significação, pois visa checar se uma teoria (ou a metafísica) é ou não ciência, não questionando o seu significado. Assim, Popper rejeita Carnap e o positivismo.

****Quine e a rejeição da distinção analítico/sintético.**** Quine enfatiza a distinção criada por Kant e muito usada pelos positivistas, principalmente no critério de verificabilidade da significação, pela qual podemos assumir: tautologia = “analicamente verdadeiro”. Para ele, trata-se de um dogma metafísico pois não foi traçada uma fronteira entre proposições analíticas e sintéticas, permanecendo um artigo de fé metafísico.

A fonte da distinção, conforme Schwartz, é o texto de Quine “Dois dogmas do empirismo”, considerado o mais lido da filosofia analítica, que revela os dois dogmas infundados: crença na clivagem entre as verdades analíticas e as

sintéticas baseadas em fatos e no reducionismo de proposições significativas a construtores lógicos.

Schwartz ressalta que, embora a argumentação de Quine seja compreensível, os detalhes não são evidentes e utilizam noções complexas como analiticidade e sinonímia. Na verdade, para Quine, a explicação das proposições analíticas dependem de sinônimos em sua definição, ao invés do significado, que levam a recorrência da analiticidade e isso torna a argumentação circular.

A crítica ao significado usado pelos positivistas parece tão evidente que fica difícil que Quine nos convença do contrário. Porém, se os exemplos são investigados, em algum momento a indistinção entre generalizações empíricas e elementos puros de significado linguístico tornam essa fronteira indiscernível.[iv]

* * *

* _Uma breve história da filosofia analítica de Russell a Rawls_. Schwartz, Stephen P. São Paulo: Edições Loyola, 2017, Capítulo Três.

[i] Sobre o Tractatus e a teoria da afiguração que já nos dá uma boa ideia de como Wittgenstein pretendia resolver os problemas:

[<https://www.reflexoesdofilosofo.blog.br/2020/09/wittgenstein-e-teoria-da-figuracao.html>] [<https://www.reflexoesdofilosofo.blog.br/2020/09/wittgenstein-e-teoria-da-figuracao.html>].

[ii] Sobre os princípios norteadores do programa positivista, consultar em nosso blog uma reflexão anterior:

[<https://www.reflexoesdofilosofo.blog.br/2020/10/o-programa-do-positivismo-logico-i.html>] [<https://www.reflexoesdofilosofo.blog.br/2020/10/o-programa-do-positivismo-logico-i.html>].

[iii] Aqui há uma certa querela entre os empiristas que consideravam o marxismo não científico e os marxistas que consideram o empirismo uma doutrina burguesa reacionária.

[iv] Sobre generalização:

<<https://www.reflexoesdofilosofo.blog.br/2019/06/principios-logicos.html>>.

O programa do positivismo lógico [i] - 18/10/2020

Ayer é o iminente filósofo britânico condensador das ideias do positivismo lógico, oriundas do Tractatus e do Círculo de Viena. Seu livro, *_Language, Truth and Logic_* (1936) já se inicia com a tarefa reconhecida dos positivas de eliminação da metafísica com a frase “As disputas tradicionais dos filósofos são, em sua maior parte, tão injustificadas quanto infrutíferas”.

Como principal crítica, os positivos consideravam as proposições metafísicas como desprovidas de significado, sem conteúdo cognitivo. A base do ataque era lógica e se fundava no *_critério de verificabilidade da significação_*, para o qual proposições devem ser [francamente] verificáveis [em princípio] para poderem ter significado, como o são as da matemática e lógica e não as da metafísica.

Schwartz lista sete princípios do programa do positivismo lógico:

_1. _A eliminação da metafísica, da ética, da estética e da teologia pelo critério de verificabilidade da significação._

_2. _A causa da perplexidade da metafísica é a gramática superficial da língua; sua cura é a análise lógica._

_3. _A lógica e a matemática não consistem em nada além de tautologias. Estas são verdades formais que não têm conteúdo referencial._

_4. _Todas as proposições que são necessárias ou a priori são sintéticas. Todas as proposições que são contingentes ou a posteriori são tautologias._

_a. _Analiticamente verdadeiro = tautológico = a priori = necessário._

_b. _Sintético = a posteriori = contingente._

_5. _Toda a ciência consiste num único sistema unificado com um único conjunto de leis naturais e fatos. Não há métodos ou sistemas separados nas ciências psicológicas ou sociais._

_6. _A máxima suprema no filosofar científico é esta: Sempre que possível, entidades inferidas devem ser substituídas por construções lógicas._

7. _Enunciados éticos não têm conteúdo cognitivo, mas exprimem atitudes e emoções._

A metafísica tão requisitada se daria por uma ilusão de linguagem a ser resolvida pela análise lógica e mesmo números poderiam ser entidades metafísicas suspeitas, até que Wittgenstein postula esse discurso como tautologias formais sem qualquer peso ontológico ou referencial.

É o caso da substantivação de adjetivos, por exemplo, a rapidez. No discurso da linguagem a rapidez deveria se referir a algo, mas a que? Daí que rapidez se torna um universal sujeito a controvérsias mesmo por Russell, até que Wittgenstein os elimina na lógica simbólica. Discursos metafísicos intermináveis sobre a existência são eliminados com a lógica simbólica: “Zebras existem” passa a ser $\exists x Zx$: Existe um x tal que x é uma zebra.

Sobre o sexto princípio, trata-se do reducionismo de Russell, como no caso do discurso físico sobre objetos se transformarem em discurso sobre “dados dos sentidos”, mesmo que essa redução ainda fosse um ideal de difícil aplicação. Essa tradução é o fenomenalismo que foi abordado por Carnap como um discurso remetendo ao dado, reconstruído o conhecimento com base na experiência imediata (empirismo positivista).

O Fenomenalismo foi reduzido por Ayer a conteúdos sensoriais, dizer algo sobre “mesa” é dizer sobre um símbolo e em última instância sobre um conteúdo sensorial. O conteúdo sensorial é, então, uma construção lógica, uma proposição linguística e não parte da coisa material. Essa linguagem fenomenalista seria a linguagem da ciência unificada.[ii]

Uma contraposição ao fenomenalismo dentro do próprio Círculo de Viena veio do fisicalismo de Neurath que, com uma posição marxista, tratava da linguagem comum de objetos físicos. O fisicalismo substituía os conteúdos sensoriais por processos neurofisiológicos e comportamento.

Por fim, do sétimo se extrai o emotivismo e a proposta de que a ética não é normativa e não resulta em juízos de valor verificáveis, apenas justificáveis, e que por trás do discurso ético ainda poderia haver um ideal utilitarista ou de felicidade.

* * *

[i] _Uma breve história da filosofia analítica de Russell a Rawls_. Schwartz, Stephen P. São Paulo: Edições Loyola, 2017, p. 75 e ss.

[ii] Esses temas estão fortemente presentes no projeto husseriano, mas lá é voltado a vivências subjetivas e não a conteúdos sensoriais. Tema a ser melhor explorado: o fenomenalismo de Carnap e a fenomenologia de Husserl.

Meu ego - 08/10/2020

Eu queria falar um pouco sobre o meu ego, que não é o ego do egoísta ou do ególatra. "Fulano de tal tem um ego grande." O que, de fato, é isso? Não sabemos. O ego que nos referimos aqui é o eu, o polo unificador de nossas vivências. Mas, ele existe?

A gente, nós, cada um é uma pessoa e sua vida, sua história. Mas, o que a unifica? Como eu posso dizer que eu sou o mesmo que eu era 20 anos atrás? Isso seria possível por esse polo, pelo ego.

Entretanto, eu não posso acreditar no ego e nem a ele confiar e confinar minha vida. É mais ou menos que nem o rio de Heráclito, sabe? O rio que passa é o mesmo ou é outro?

Eu não acredito no ego porque eu não acredito que sou o mesmo. Embora eu tenha certas características, algumas qualidades e tantos defeitos, isso só me da uma unidade externa e que é passageira e extremamente mutante e volátil.

Essa unidade externa eu não reconheço. Se eu me olho no espelho agora, eu não reconheço o eu de 20 ou 30 anos atrás. Talvez nem mesmo o eu de 10 anos atrás. E pudera, se eu me reconhecesse eu não teria evoluído, ou involuído, eu seria o mesmo.

Internamente muito menos e exatamente por um motivo semelhante: porque eu sou sempre tocado por algo, influenciado por algo, educado ou deseducado. Na luta interno-externo jogo fora o interno e confio plenamente no externo.

"Facilmente influenciável", diria um amigo. "Não", respondo eu. Facilmente domesticado, facilmente revoltado, atarantado, humilhado, encanado, desgastado, iluminado, aliviado, detonado. Facilmente externamente ado. Nada internamente.

Internamente oco, você, eu, tudo, todos. Tudo volatilidade e luta. Tudo mesmice. Não importa, a força interna pouco pode. A humanidade se faz pelo

todo, embora cada qual em seu canto virtual de pandemia. Acreditar em algo diferente é metafísica.

Linguagem Referencial - 03/10/2020

Nascimento**[i]** trata de mostrar a problematização da referencialidade tanto em Wittgenstein quanto em Santo Agostinho.

1\. Introdução. Nascimento define referencialidade (ou linguagem referencial) como a concepção de que a linguagem simboliza, ou seja, referencia coisas do mundo, das quais obtêm significado. Tal concepção, citada por Wittgenstein nas Investigações a partir de Santo Agostinho, foi usada no Tractatus como forma de resolver os problemas de filosofia pelo uso da linguagem representando fatos de forma lógica, ou seja, a partir de uma representação proposicional.

2\. A Concepção do Tractatus. Então, é a forma lógica que relaciona pensamento e realidade pela afiguração e permite que a proposição tenha sentido[ii], embora a linguagem não seja uma cópia fiel do estado das coisas, pois ela apenas comporta possibilidades desses estados. Além disso, cada objeto deveria ter um símbolo associado e que determinasse seu significado.

E são os nomes a base para representar estados de coisas, a partir dessa forma lógica, pois eles permitem referenciar os objetos que não existem separadamente. Conforme 3.144: “Estados de coisas são descritas, não nomeadas. Nomes são como pontos, proposições são como flechas, elas têm sentido”. E aqui vemos a capacidade representativa da linguagem.

Embora ressaltando a forma lógica proposicional no Tractatus, que é a linguagem referencial que interpreta as proposições da linguagem, Wittgenstein entende a linguagem cotidiana também com completude de sentido, porém com outro simbolismo. E, na virada filosófica, essa perspectiva impositiva da forma lógica será abandonada em prol de uma descrição da gramática do uso linguístico, da significação dentro de padrões de uso linguístico.

Assim, Wittgenstein amplia o rol da investigação linguística e se afasta de um ideal preconcebido, do dogmatismo. A descrição factual pela forma lógica dá lugar à investigação gramatical onde o uso de determinada forma depende de seu propósito. É uma investigação conceitual que evita possíveis confusões metafísicas do Tractatus pela imposição da forma lógica.[iii]

3*. Problematização da concepção referencial. Wittgenstein traz a citação das Confissões de Agostinho no início das Investigações, através da qual o filósofo de Hipona conta sua experiência de aprendizado e compreensão pela designação dos objetos por palavras, concepção referencial que será criticada por Wittgenstein quando se trata de universalizar esse modelo.

Usando um exemplo de conversa entre operários de uma obra, Wittgenstein procura mostrar que as palavras denotam mais uma ordem que uma descrição de estado de coisas. Mais do que isso, as palavras não teriam um significado determinado, mas de acordo com seu uso linguístico e que se assemelha a uma caixa de ferramentas com variadas funções, sendo um deles o uso referencial.

Com relação à experiência de aprendizado de Sto. Agostinho, Wittgenstein coloca que a função denotativa dos nomes tem um uso no ensino ostensivo que seria apenas uma preparação para o uso de uma palavra, mas que vai se definir com o significado que empregamos.

Retomando o exemplo da obra, um terceiro operário recém chegado só entenderia os sentidos das palavras a partir das circunstâncias, no jogo de linguagem. Só se mostra o que uma palavra designa pelo seu uso. Conforme citação: "Portanto, a estrutura de quando se diz ou se entende _Traga-me uma laje_ como quatro palavras _deriva, não de algo intrínseco ao funcionamento da mente do sujeito, mas da estrutura do jogo de linguagem do qual ele participa_." [iv]

De todo modo, as Investigações não contradizem totalmente as teses do Tractatus, mas as circunscreve e, quando o fazem, se aproximam de Agostinho, como por exemplo quando uma palavra tem significado _enquanto_ seu referente existe. Porém é um uso limitado para todas as possibilidades de usos linguísticos dentro dos jogos de linguagem.

4*. A concepção agostiniana de linguagem. Se Agostinho não propõe uma abordagem tão abrangente de linguagem, no De Magistro ele expõe inicialmente o uso referencial (de que as palavras são símbolos cujos significados se dão por se referirem a objetos) que será revisto posteriormente.

Ao analista a palavra nada, Agostinho diz que ela não é um sinal pois não significa coisa alguma, algo que não existe. Mesmo a palavra se não se

refere a um objeto no mundo, embora se refira a um estado psicológico de dúvida. Tais exemplos apontam dificuldades na concepção referencial.

Dito isto, Nascimento reitera que Agostinho ainda se detém a exemplos de sintaxe ou analisando o que ocorre na mente do ouvinte, ao passo que em Wittgenstein a concepção pós-tractatus mostra uma concepção mais ampla de linguagem relacionado a definição de uso e multiplicidade de modelos funcionais, ou seja, no uso concreto.

5\ Considerações finais. Nascimento mostra nesse artigo elementos importantes da virada filosófica de Wittgenstein, partindo das capacidades de representação da linguagem representando fatos da realidade e compartilhando sua estrutura lógica, em um simbolismo por demais reducionista.

Então ele parte desse modelo de linguagem clara para um modelo no qual a filosofia deve aclarar os padrões de uso e regras por uma investigação da gramática. Do mesmo Agostinho se questiona acerca de alguns usos referenciais o que faz com que ambos se aproximem na crítica a um modelo referencial que pudesse abranger todas as possibilidades de uso linguísticos.

* * *

[i] O que se segue é um resumo de _Agostinho e Wittgenstein: sobre a concepção de linguagem referencial_, pelo link:
<http://www.revistas.usp.br/humanidades/article/download/154281/150503/>. De Matheus Colares do Nascimento, acessado em 19/09/2020.

[ii] Conforme já vimos em:
<https://www.reflexoesdofilosofo.blog.br/2020/09/wittgenstein-e-teoria-da-figuracao.html>.

[iii] Ironicamente o que deveria ser combatido.

[iv] Referência aqui para a segunda pessoa:
<https://www.reflexoesdofilosofo.blog.br/2020/09/trazendo-segunda-pessoa-para-o-debate.html>.

Wittgenstein: o paradigma e os usos empírico e analógico[i] - 22/09/2020

O paradigma

1\.\ Wittgenstein introduz o conceito de paradigma por volta de 1930 em um contexto fenomenológico de apreender um dado imediato, imune à predicação, pela linguagem fenomenológica (uma linguagem primária) que tinha sido inviabilizada pelo simbolismo linguístico primário.

2\.\ Visando incorporar esse dado simples à linguagem, o paradigma não é algo metafísico ou suprassensível, mas uma convenção normativa, condição de possibilidade como, por exemplo, regras linguísticas ou modelos padrão para cores e unidades de medida.

3\.\ Através da ideia de práxis de linguagem, com rotinas de ação, hábitos linguísticos ou convenções sociais, Wittgenstein tenta, por um lado, ampliar as ligações de sentido excluídas do Tractatus e abordar o paradigma como elo entre linguagem e domínios extralingüísticos. É o paradigma que permite extrapolar o uso lógico e referencial do Tractatus para diversas ações presentes na linguagem que constituem sentido, como uso de gestos ostensivos ou tabela de cores.

Os usos empírico e analógico

4\.\ Se o paradigma tem a função de expressar a natureza ante predicativa dos dados da percepção no nível fenomenológico, ao se aplicar as palavras (nomes lógicos do Tractatus) teremos as predicações através dos conceitos.

5\.\ Os paradigmas predicativos, considerados gramaticais, tem um uso descritivo externo quanto trata de propriedades empíricas de objetos, p.ex. "Esta mesa possui tais propriedades físicas" e outro análogo interno que corresponde a semelhança entre objetos., p.ex., "Esta mesa é como uma poltrona", não relacionado às propriedades.

6\.\ No caso das analógicas, nós damos sentido à comparação, p.ex. "Esta mesa é como um elefante" e isso depende do tipo de comparação que fazemos bem como do grau de familiaridade do interlocutor, para que ele possa aceitar ou recusar. Não previamente existentes, elas se dão na prática linguística que pode ressaltar semelhanças não percebidas entre objetos e ter poder de persuasão.

7\.\ Novos paradigmas sempre surgem trazendo conceitos como a psicanálise de Freud que traz um novo sistema de referência, porém corre-se o risco de tornarem-se normas definitivas. Wittgenstein ressalta que os jogos de

linguagem são apenas objetos de comparação que trazem novas perspectivas, procurando evitar o dogmatismo. Assim ele inaugura uma filosofia terapêutica que busca desfazer confusões conceituais. Movendo-se do lógico para o _ana_lógico afasta-se de ideais trazendo outros pontos de vista.

Conclusões

8\. Então os paradigmas são a base sobre o qual serão produzidos os enunciados descritivos e comparativos, ou seja, preparações para a construção de sentido. Os paradigmas são, antes de tudo, instrumentos linguísticos e apriorísticos, portanto não sensíveis pois são eles que definem as propriedades sensíveis. P.ex., sobre um paradigma de vermelho são descritas situações avermelhadas e comparações entre cores, isto é, se organiza a experiência para aplicação da linguagem.

9\. É o paradigma que determina que é legítimo de ser usado na linguagem e a partir de convenções como as descrições e analogias. E, daí que novos paradigmas são novas maneiras de descrever e comparar objetos, criando novas possibilidades de semelhança nos jogos de linguagem.

* * *

[i] Conforme:

[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302001000200002] (http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302001000200002),
acessado em 19/09/2020. Itens 1.3 e 1.4.

Wittgenstein e a teoria da figuração - 14/09/2020

Das divergências do último e do primeiro Wittgenstein acerca da linguagem.

É comum um pensador ter rupturas ou divergências no cômputo geral de sua obra. Esse é o caso de Wittgenstein que, de acordo com Cavassane[i], tem uma abordagem diametralmente oposta a respeito da linguagem entre o Tractatus e as Investigações Filosóficas. Ao fim do Tractatus, redigido sob a influência de Russell e que aborda a natureza da proposição e da linguagem, Wittgenstein acreditou ter solucionado os problemas de filosofia [então suscitados por Russell]. Porém, após algum tempo afastado da filosofia, ele percebe que

estava orientado a uma perspectiva da tradição filosófica pela via de Russell e que ali os problemas não estavam postos de maneira correta, portanto, decide criticar seu velho modo de pensar [e a tradição], agora nas Investigações.

O Tractatus Logico-Philosophicus. De acordo com Cavassane, a teoria da figuração é a que receberá a crítica mais contundente, posteriormente. Nela, Wittgenstein busca responder “Como é possível falar sobre o mundo?”. A teoria da figuração é uma teoria do significado linguístico, e Wittgenstein postula que é possível porque linguagem e mundo compartilham uma mesma estrutura lógica [a priori].

[](https://blogger.googleusercontent.com/img/b/R29vZ2xl/AVvXsEhN8B68vlrainBjuQ3ZYDccqzZHX2gACKyb-mIC-qHlyrQRYe6RDbbiWYYx_8FDYN3z9o4rnwHWq2wunbdQNejrfR7Rywz7o3EBgtHMKReSe19vuDDMIYm4oy3wM6emNo5DEPO7tYB024/s906/teoria+da+figura%25C3%25A7%25C3%25A3o.PNG)

Ou seja, a linguagem afigura os fatos compartilhando a forma lógica, que é a forma do pensamento. Porém as frases da linguagem ordinária podem conter erros e, da análise lógica de uma frase, pode se extrair o pensamento nela contido. Daí surge a tese do indizível: somente podemos expressar fatos do mundo (sejam possíveis ou reais), conteúdos objetivos. Isso não vale para o subjetivo (ética, religião) nem formal (lógica, matemática), considerados místicos por Wittgenstein que crava: “Sobre aquilo de que não se pode falar, deve-se calar”.

A crítica ao Tractatus nas Investigações Filosóficas. Segundo Cavassane, Wittgenstein abrirá mão de dois pontos principais de sua teoria da figuração: o referencialismo para o qual uma palavra possui significado se ela corresponde a um objeto e o perfeccionismo lógico, trazendo a crença de que a linguagem representa o mundo fielmente e nisso consiste a verdade. Wittgenstein vai criticar o referencialismo argumentando que não é possível reduzir todas as palavras a nomes. Sobre o perfeccionismo lógico, o uso no Tractatus se dá por palavras simples se referindo a objetos e isso traz a univocidade do significado que garante certa imutabilidade e evitando a perda de referência. Porém, Wittgenstein vai rever essa posição nas Investigações considerando a exatidão absoluta do significado um ideal inalcançável, já que

dependente do contexto. E é essa impossibilidade de exatidão que implode a lógica como estrutura do pensamento, do mundo e da linguagem, colocando abaixo a teoria da figuração do Tractatus Logico-Philosophicus.

Wittgenstein localiza a correspondência entre objetos e palavras em Platão, que no *_Teeteto_* cita que nos referimos a elementos primitivos por seus nomes e que ela forçaria o isomorfismo. Ainda, a correspondência se da a partir dos substantivos, parte pequena das palavras. Mais além, a ideia do objeto simples parece ser criada a priori para se encontrar por conseguinte a proposição e sua análise.

Considerações finais. Ao se perguntar sobre como é possível falar sobre o mundo, Wittgenstein responde com a teoria da figuração, onde as palavras afiguram objetos e há um isomorfismo lógico entre frases e fatos. Porém, posteriormente, Wittgenstein percebe o viés orientativo da teoria da figuração baseado na tradição e que sua resolução não contribuiu para a verdadeira compreensão dos fenômenos da linguagem, então ele faz a crítica do pensamento inicial. Agora, não há uma exatidão entre mundo e linguagem e isso implode a possibilidade de mapeamento lógico. Deste modo, o que constitui a ruptura entre o primeiro e o segundo Wittgenstein é uma mudança de método: “O método puramente apriorístico do Tractatus é submetido a crítica e agora recomenda (em certo sentido) o método a posteriori de investigar os fenômenos reais da linguagem.”. Se afastando de Platão e da tradição, o segundo Wittgenstein se afasta de conceito e se aproxima do uso cotidiano.

* * *

[i] O que se segue é conforme *_A crítica de Wittgenstein ao seu Tractatus nas Investigações Filosóficas_*, acessado em 07/09/2020 no link:
[<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/ric/article/view/337>](http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/ric/article/view/337).
Artigo de Ricardo Peraça Cavassane.

Trazendo a segunda pessoa para o debate - 06/09/2020

A questão da comunicação é algo que sempre me preocupou. Eu falo e você me escuta, mas entende? Sim, somos feitos da mesma estrutura física e racional,

então isso é bem possível. Mas há dois problemas essenciais: 1.) o problema cultural e 2.) “como” a compreensão de fato ocorre dentro de nós, do ouvido para o cérebro, para os neurônios etc. Além disso, entendo que, sim, é um problema fortemente relacionado à filosofia de mente e afins.

Dito isto, vamos falar da segunda pessoa. O ensaio que Waldomiro J. Silva Filho nos traz trata dessa concepção em Donald Davidson[i] e explora algumas condições na qual dois agentes interagem em uma conversa e a justificação de um dos lados no sentido de afirmar um bem epistêmico. A questão chave da conversa é: “nós queremos entender as declarações [utterances] reais dos outros e nós queremos que nossas declarações sejam entendidas”.

Então, na dinâmica de uma interação conversacional, trata-se de entender a “segunda pessoa” como interlocutor com o qual não compartilhamos uma regra ou convenção linguística de antemão. Davidson parte de uma questão empírica de quantos falantes são necessários para que haja uma interação, ao invés da questão abstrata das condições de uso da linguagem. Seu “ponto de vista da segunda pessoa”, segundo Waldomiro, é o do intérprete que é interpelado pelo falante e que concebe que aquele tem a intenção de se fazer entender de modo significativo. Isso quer dizer que são necessárias pelo menos duas pessoas para haver a linguagem.

Waldomiro recupera a argumentação de Wittgenstein de que o significado não é algo interno à nossa mente. A partir daí, Davidson traz a triangulação onde os conteúdos semânticos estão no meio-ambiente, mas o falante deve crer [epistemicamente] no significado do que diz. Na conversação, há a determinação de um objeto triangulado por duas (ou mais) pessoas – e aí não se concebe a interação de uma pessoa consigo mesma. Segundo Davidson, é dessa triangulação que surge a objetividade: há crenças que designam objetos no espaço público, ou seja, pensamentos que são individualizados. E é só com a segunda pessoa que sabemos que um objeto pode ser enunciado como verdade, solapando o solipsismo.

Bem, se não é necessária uma convenção linguística de antemão, o que trará certeza no compartilhamento de uma verdade objetiva entre os falantes é a “interpretação radical”. Com ela, há uma interpretação a partir do zero, sem conhecimento prévio de linguagem e o acordo de crenças vai se estabelecendo em uma dialética eu-tu, em que cada um fornece ao outro algo de comprehensível. A condição da conversa é se fazer intencionalmente interpretável e não seguir uma regra linguística. Outro ponto importante é que a produção de enunciados requer a diferenciação entre “o que é acreditado” e “o que é o caso”. Por isso, mais do que um processo empírico, a conversa é um processo investigativo de produção do conhecimento que caminha entre acordos e desacordos sobre o que é o caso.[ii]

No início da conversa, se os interlocutores não sabem se seus signos possuem mesmo valor semântico e de verdade, há necessidade de investigação. Isto é, há um movimento dialético no diálogo onde crenças divergentes vão sendo justificadas e se decide o que é epistemicamente justo fazer. Assim, o conceito de segunda pessoa, na abordagem de Davidson, nos parece central no uso da linguagem e na investigação de disputas epistêmicas onde se é imprescindível esclarecer “o que é o caso”, ponto esse ainda a ser explorado mais detidamente.

* * *

[i] Conforme _Ensaio sobre a segunda pessoa_. Acessado do site em 25/08/2020 pelo link:
<https://periodicos.ufpe.br/revistas/perspectivafilosofica/article/view/247945>.

[[ii]](file:///C:/Users/quissak-1/Desktop/Trazendo%20a%20segunda%20pessoa%20para%20o%20debate.docx#_ednref2)
Sobre proposições e o que é o caso, em Wittgenstein, o pouco que sei, trata-se de uma mediação no que creio que é falo e no que se dá no mundo. A ser investigado.

Muita live - 03/09/2020

É muita live: são muitas lives

Eu muito live, eu pouco livre

É muita morte: são muitas mortes

Eu que não morro e nem peço socorro

É a obesidade: muita comida, pouco exercício

É a fome: não tem trabalho e nem compaixão

É o fascista e o ódio, é arma é tiro

É tudo tido empedernido, é todo tipo embrutecido

É comunista, socialista, ativista, feminista, anticapitalista

Maculelê pa nois faze auê

Vai para rua ou fica em casa: pode sim, escolhe então

Não vai pra casa, fica na rua: precisa do din din, colhe o pão

Eu ligo, eu peço; eu levo não me meço

Tem ruído vejo o app; vejo vídeo, vejo zap

Se tem vacina, eu não quero

Se não tem vacina, me desespero

Pandemia? Mentira!

Novo normal? Pior: velho normal.

A religião é a merda do povo - 22/08/2020

Circula por aí uma frase semelhante a: “A religião é o ópio do povo”. Eu desconheço o autor (Marx, talvez?), mas eu parafraseio conforme o título: “A religião é a merda do povo”. Se me dói? Bem, a dor seria por uma falta de respeito a quê? Um Deus, uma instituição, uma cultura ou pessoa? Se eu não tenho como me desculpar com os três primeiros, o último, se religioso for, me

perdoará.

A religião é a merda do povo, a cada dia me convenço mais. Vejam as formigas: elas se comunicam, não é? Fazem seu trabalho. O que nós faríamos sem religião? Nós, seres humanos, morreríamos sem religião? Talvez a religião nos mate.

O fictício exemplo de um Deus vivo, Deus homem, Jesus, é uma boa fábula. São boas parábolas, mas muito mal interpretadas. Os seguidores, os crentes (será que estou por aí?) definitivamente não testemunham, não preciso citar exemplos.

Evangelizar: verbo maldito. Evangelizar é fiscalizar cu alheio (no passado foi pior). Que o presidente da CNBB me processe (o exelentíssimo filho da puta Walmor Oliveira de Azevedo), Francisco não o fará. Levar a boa nova... Que boa nova, cara pálida?

Eu não quero teorizar, não tenho tempo para isso, infelizmente. E se o tivesse, não seria investido nisso, provavelmente. Eu quero simplesmente externalizar. Há império, um constructo humano em cima da religiosidade, da palavra. Isso move vidas, move a humanidade. Eu não quero menosprezar, mas quero recusar.

Senhor, ó senhor! Vida invisível, espírito, força sobrenatural, me puna agora!

.

.

?

Bem ainda estou aqui, me perdoa?

Não quero brincar, eu só não quero o mal e a religião pratica o mal, cotidianamente, invariavelmente, interminavelmente. Sempre, 100%? Óbvio que não, ópio que não. Sede livre, escolha. Eu estou fazendo a minha escolha.

O mistério das coisas - 16/08/2020

Nós estamos inseridos em uma realidade que funciona para nós e isso é evidente. Eu não duvido [e nem questiono] que o copo de vidro com a água que estou bebendo possa dissolver de repente ou que a água subitamente irá evaporar, dentro das condições que me encontro agora. Embora eu não saiba exatamente de que minério é feito o copo ou mesmo as condições exatas para a água evaporar.

Tudo isso, _essa realidade_, não é _tão misteriosa_. Eu _posso_ saber, algum homem sabe, o Homem sabe. Porém, eu também não duvido que amanhã o sol vai nascer em seu horário corriqueiro e que novas árvores florescerão. Essas outras coisas são muito certas, mas são mais misteriosas. E o universo que está além da terra? É exponencialmente misterioso, assim como a quantidade de sinapses em meu cérebro. E eu também imagino que quem lê esse texto vai interpretá-lo mais ou menos da forma como desejo, ou seja, que há uma estrutura racional compartilhada que neurocientistas, filósofos e outros especialistas estudam, mas que estão longe de obter todas as respostas e nem que as obtidas até agora perdurarão ou cairão por terra.

Então, de tudo que experienciamos e para que possamos viver, há coisas que a humanidade como um todo sabe e muitas outras que não. E estamos evoluindo, a cada dia conhecemos mais sobre os mais variados assuntos e aumentamos o edifício do saber. Mas conheceremos tudo, saberemos tudo ou poderemos explicar tudo? Definitivamente não.

Há um vácuo explicativo que podemos chamar de o mistério das coisas (o mistério da vida, da justiça, do Big Bang, do ar transparente que respiro e me faz viver). Há muito mais coisas misteriosas e a serem explicadas do que coisas que conhecemos e sabemos. O mistério das coisas é, para alguns, o que se chama Deus, Ala, orixá, espírito, etc. Todos esses nomes, essas entidades potentes, só existem por causa do mistério das coisas. Para o importante problema invisível do mistério das coisas uma solução não menos importante e invisível. Essa é uma maneira de viver dentro daquela realidade que funciona. Funciona admitir que eu conheço uma pequena gama de coisas, a humanidade uma vasta gama de coisas e todo o resto, tudo, deixamos nas mãos dos deuses.

Isso não importa tanto, são nomes diferentes para o mistério das coisas. O que mais importa é que o conhecimento evolua dentro de regras éticas e de maneira colaborativa. E que evolua para todos os lados, respeitando a todos, respeitando a auto determinação dos povos e o direito dos povos originários sobre a terra. Nesse ponto, a disputa é entre o nosso conhecimento e o mistério das coisas. Assim viveremos, até o fim, nessa tarefa de superar o

mistério das coisas e essa talvez seja nossa mais importante missão enquanto conformados em um corpo que pensa e vive.

Guia introdutório ao pensamento kantiano[i] - 28/07/2020

Kant vive de 1724 a 1804 em Königsberg, na Prússia[ii] sem jamais se afastar de casa por mais de um dia, segundo sua fama de hábitos regulares. A filosofia kantiana pode ser resumida na tentativa de sintetizar racionalismo e empirismo e sistematização da ética da consciência individual. Sua principal obra, a Crítica da razão

pura[[iii]](file:///C:/Users/quissak-
l/Desktop/Dona%20Fil%C3%B3/post/Guia%20introdut%C3%B3rio%20ao%20pensamen
to%20kantiano.docx#_edn3)

(1781) o coloca como maior filósofo moderno, mas não podemos deixar em segundo plano a Crítica da razão prática (precedida pelos _Fundamentos_) e Crítica da faculdade de julgar.

Segundo Kant, foi Hume que o despertou de seu sono dogmático, ou seja, do racionalismo dogmático. Em sua época, havia profundas divergências entre racionalismo e empirismo e parecia não haver uma base sólida para a filosofia. Mais precisamente, Kant se perguntou: “Pode a metafísica existir como ciência?”. E, por metafísica, tratava-se de entender o universo em sua totalidade. Na verdade, Kant entendia que a ciência e a metafísica partiam de dados (coisas, ideias abstratas) que davam origem a juízos, ou seja, usavam métodos semelhantes.

De forma a clarificar o que se segue, vamos definir dois pares de termos correlatos muito usados por Kant na Crítica:

- **Proposições analíticas** : só explicam as palavras, p.ex., uma bola de bilhar é esférica;
- **Proposições sintéticas** : vão além, p.ex., a bola branca bateu na preta e mudou de direção;
- **Conhecimento a priori** : fruto somente do raciocínio, independentemente da experiência;
- **Conhecimento a posteriori** : vem da experiência.

Então, dados esses termos temos, de um lado, o racionalismo proveniente de Descartes:

- O conhecimento vem da dedução racional e lógica;
- As ideias inatas são a única fonte segura de conhecimento;
- Dificuldade em unir a certeza lógica à realidade;
- Proposições analíticas;
- Conhecimento a priori.

De outro, o empirismo de Hume:

- Todo o conhecimento vem da experiência;
- Não existem ideias inatas;
- Dificuldade de provar a necessidade lógica de leis da experiência;
- Proposições sintéticas;
- Conhecimento a posteriori.

Esse esquema de termos serve para enfatizar as divergências entre as duas escolas e para mostrar que, para Hume, era impossível compatibilizar o empirismo com o racionalismo. Para Kant, ao contrário, era possível haver **juízos sintéticos a priori**, ou seja, saber a trajetória da bola de bilhar[iv]. Esse conhecimento é a superação do ceticismo de Hume, que ficava preso à experiência sensorial.

Para Kant o conhecimento era a síntese entre a experiência e os conceitos mostrando, assim, que precisamos dos sentidos e do entendimento. Nós partimos dos dados da experiência que nos são dados em suas formas puras de tempo e espaço e estruturamos a realidade com as categorias do pensamento:

- **Quantidade** : Unidade (a bola branca), Pluralidade e Totalidade.
- **Qualidade** : Realidade (tocou a preta), Negação e Limitação.
- **Relação** : Substância, Causalidade (e a desloca) e Comunidade.

- **Modalidade** : Possibilidade, Existência e Necessidade (toda vez).

É a chamada Revolução Copernicana, uma mudança de paradigma proposta por Kant que, ao invés de focalizar o conhecimento somente do mundo, trata de nossas capacidades de conhecimento. Citando a CRP: “Assim, a ordem e regularidade nas aparências, o que chamamos natureza, nós mesmos a introduzimos”.

Porém, o conhecimento se limita aos fenômenos que aparecem e ir além deles para tentar conhecer a coisa em si leva a paradoxos e contradições. Portanto, a coisa em si é incognoscível, mas foi tratada na argumentação metafísica tradicional que versa sobre a alma, a imortalidade, Deus e livre-arbítrio, ultrapassando os limites da razão, que deveria se dar na esfera prática.

Então, se a Crítica da Razão Pura estabelece os limites do conhecimento, a Crítica da Razão Prática, que se segue, abordará a lei moral. Segundo Kant, nossos juízos morais não se fundamentam na bondade ou nos mandamentos da natureza, mas a moralidade é fundamentada no raciocínio, não sobre o certo e o errado em cada situação, mas através do axioma: “Proceda em todas as suas ações de modo que a norma de seu proceder possa tornar-se uma lei universal”.

É o **imperativo categórico** , ato que obedece à lei racional da moralidade considerado um princípio universal. Mas é uma lei dada por nós mesmos e, nesse sentido, autônoma e livre. É aí que deixamos de ser fenômeno para ser coisa em si, no poder de deliberação, mas que sempre deve ser orientado por pelo dever moral de agir por obrigação. Diferentemente de um imperativo hipotético, que visaria outro objetivo, o imperativo categórico evitaria a legislação em interesse próprio e a mentira, embora tamanho rigor pudesse levar a contra sensos.

Já na terceira crítica é abordado o **juízo estético** que, embora não objetivamente válido, deveria ser tratado “como se” fosse. Conforme Kant, a arte é “um propósito sem propósito”, mas que permitiria atingir uma razão ou bem maior.

* * *

[i] Principianto em Kant com “Osborne, Richard. _Filosofia para principiantes_ ; tradução de Adalgisa Campos da Silva. Rio de Janeiro: Objetiva: 1998.” e “Law, Stephen. _Guia Ilustrado Zahar De Filosofia_ ; tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Jorge Zahar Editor: 3.ed.”

[ii] Era Alemanha, mas foi anexada à União Soviética depois da Segunda Guerra (conforme Wikipédia, em 26 de julho de 2020: https://pt.wikipedia.org/wiki/Kaliningrado).

[iii] Resumida nos _Prolegômenos_ , para melhor compreensão.

[iv] Esse ponto refere-se à célebre passagem de Hume que diz, grosseiramente, que se um ET porventura aparecesse de repente em um jogo de bilhar, após uma tacada de alguns dos jogadores, o ET não saberia dizer o que iria se suceder com a bola, por não ter tido uma experiência prévia dessa situação.

A Filosofia e o conceito - 21/07/2020

A gente acha que filosofar é simplesmente ficar falando um monte de bobagem que ninguém entende, mas não é bem assim. A filosofia é feita de conceitos, conforme mostraram Deleuze e Guattari em “O que é a filosofia?”. E haja conceitos ali!

Mas conceitos são palavras e, além disso, não há geração espontânea de conceito. Eu não terei uma ideia genial, ex abrupta, aqui e agora. Há o acumulado, o edifício da sabedoria...

Eu só queria falar de fenomenologia, fazer uma introdução. Mas fenomenologia remete a fenômeno, que remete a Kant, que remete a Hume e Descartes que remete.... Enfim, não tem fim.

Ou seja, cada palavra-palavrinha que usamos tem sentido. E como se não bastasse o significado no vocabulário de uso comum, há os usos técnicos e particulares. Pegue a diferença entre análise e síntese: analisar é pegar tudo o que está ali e verificar coisa por coisa, mas já está tudo ali; sintetizar é juntar tudo o que está lá em algo, surge algo. Certo? Não sei, depende, qual a finalidade?

Estão vendo? Isso é filosofia? Não, não é se realmente não tiver um objetivo. A própria filosofia e sua função são objeto de estudo. A famosa metalinguagem...

Qual a diferença entre história da filosofia e filosofia da história? Haveria um filosofia da história da filosofia ou história da filosofia da história?
Credo!!!

Tantos conceitos que muitas vezes excluem. Isso Foucault notou: uma história de exclusão na filosofia, de expulsar os poetas, do discurso ou do sofisma (ou da doxa, etc.). Mas eu gostaria de incluir, de falar dos conceitos, das correntes filosóficas, do linguajar. É bonito. Mas não esse monte de bobagem desse texto, deve ser algo explicado, contextualizado, tim-tim por tim-tim.

A gente já vive num país periférico e periférico filosoficamente. Então a gente precisa refletir mesmo sobre como estudar ou sobre se fazer história da filosofia ou fazer filosofia. E ver como educar, porque mesmo a filosofia deseduca e, por isso, não podemos esquecer que não há neutralidade. Nem escola sem partido.

Quebrar as máquinas - 09/07/2020

Houve uma ideia (minha no caso) a favor de uma quebra-deira sistêmica hiperbólica. Não necessariamente de um colapso capitalista, embora o capitalismo viva e reine soberanamente em nossos tempos. Nós até poderíamos apostar nossas fichas na possibilidade de um dia “o sistema” vir a ser justo, mas tal espera custaria muitas vidas, sejam elas humanas ou não. Isso porque, claramente, o homem perdeu sua sensibilidade em alguma esquina no labirinto que nos conduziu até aqui.

A ideia era tão somente a de um colapso elétrico que começasse pequeno, mas que, como efeito dominó, atingisse escala global. A ideia não era diabólica, não era de peste, pandemia ou guerra, era simplesmente de burrice. Burrice derivada da ganância. O colapso elétrico, se possível, poderia durar aproximadamente um mês. Um mês com o mundo sem eletricidade. Para nada. Nem gerador, nem geladeira, nem nada.

Não vamos nos ater aqui às consequências, elas podem ser imaginadas. Talvez esse fosse um remédio didático para que olhássemos para os recursos naturais e para nossa vida. E olha que meu meio de vida é a informática, o mundo virtual que não passa de um fantoche da eletricidade. Porém, “a grandes males, grandes

remédios”, sem dúvida.

Voltemos no tempo, no início do capitalismo. Lá houve movimentos de destruição de máquinas e destacamos o Ludismo[i] (atenção, não é lulismo). Haveria, por detrás desses eventos, uma questão maior, abstrata e grandiosa de negação do sistema e desejo de seu fim? Aparentemente não, quebrar as máquinas não passava de uma forma de luta usada por alguns operários visando atingir os patrões. Isso quando não era realizada pelos próprios capitalistas como forma de gerar instabilidade no sistema.

Mas, aquela luta e a nossa luta é desigual. A luta humana, do homem contra o homem, é luta ingrata, inglória. Devagar se vai ao longe, mas demora muito. Seríamos capazes de fazer algo surpreendente, por exemplo, a guilhotina ao rei? Ou queimar dinheiro? Vivemos e não sentimos a passagem do tempo, infelizmente. E nosso legado será sempre pior, pois as virtudes se dão em progressão aritmética, mas nos corrompemos em progressão geométrica.

* * *

[i] HOBSBAWM, Eric J. Pessoas extraordinárias: resistência, rebelião e jazz. São Paulo: Paz e Terra, 1999. Capítulo 2.

A crença primordial na realidade do mundo[i] - 29/06/2020

De como noções cartesianas poderiam justificar a telepresença que é refutada pela atividade incorporada proposta por Merleau-Ponty.

Dreyfus traz, inicialmente, a possibilidade de uma Máquina que nos permitisse viver envolvidos eletronicamente uns com os outros à distância[ii]. Em tal realidade, de uma vida dentro do quarto em contato com o mundo, nossos corpos pareceriam irrelevantes e nossa atividade seria guiada pela mente.

A seguir, então, Dreyfus move a questão para o nosso tempo onde a

telepresença[iii] é real e se encaminha ante duas visões: por um lado, apontando para uma vivência ubíqua (e, por que não eterna, se _desincorporada?) e, por outro, mostrando que a mediação pela net traz isolamento e depressão, segundo apontam pesquisas da Carnegie Mellon e Stanford. Isso leva os pesquisadores a suscitem questões sobre o tipo de mundo que teríamos a partir dos progressos da telepresença.

Embora alguns especialistas em tecnologia e infraestrutura apontem para a rede mundial e a telepresença como propiciando uma vida melhor, para verificar essa questão Dreyfus lança algumas perguntas, das quais nos ateremos sobre a se a relação com o mundo pela tecnologia afeta nosso senso de realidade.

Pois bem, Dreyfus remete a Descartes o surgimento da noção de nossa experiência subjetiva e de mundo interior, separando a realidade externa dos conteúdos da mente. Ele destaca o pioneirismo de Descartes na óptica e de como faríamos um acesso indireto ao mundo pela representação no cérebro ou na mente. Mesmo relatos de membros fantasma (p.ex., uma perna amputada) indicariam que uma dor não é proveniente do corpo.

Nesse sentido, se para Descartes o acesso ao mundo se da pela mente e é pessoal e subjetivo, para Dreyfus tal conclusão parece corroborar a telepresença. Entretanto, mesmo que via uma experiência indireta, para Dreyfus o questionamento dos pragmatistas é mais importante: se nossa relação é incorporada e ativa ou desincorporada e distanciada. Do que eles concluem com a primeira caracterizando nosso contato com o mundo através de um _feedback_ perceptível.

Dreyfus mostra que a tecnologia pode trazer esse _feedback_, mesmo que remotamente, em tempo real. Mas, ainda assim, algo se perde na distância. E é exatamente o senso de prontidão, o risco de estar no mundo, e sem tal vulnerabilidade a experiência seria sentida como irreal. Ou será que a possibilidade de controle pela tecnologia nos livraria de tal senso de prontidão?

Para Merleau-Ponty, o corpo necessita de um senso de apreensão ótima do mundo e é isso que traz o sentido de presença do mundo. Nem excesso, nem deficiência, buscamos uma distância ótima dos objetos obtida quando o corpo se entrelaça com o mundo. A experiência é indeterminada e pela percepção buscamos a melhor apreensão que possa superar essa incerteza.

É essa noção de prontidão incorporada que é nossa crença primordial na realidade do mundo[iv]. Conforme Dreyfus:

“É o que nos dá o nosso sentido da presença direta das coisas. Então, para haver um sentido de presença na telepresença, alguém não apenas teria que ser capaz de ter uma apreensão das coisas à distância; alguém precisaria ter um senso do contexto ao solicitar prontidão constante para ter uma apreensão constante do que vier pela frente”.

Por fim, mesmo novas técnicas que trazem uma multicanalidade na interação visando complementar o senso de _feedback_ , como som ambiente ou canais de toque e cheiro, não seriam capazes de prover um senso holístico da interação incorporada, crucial aos encontros humanos intercorporais.

* * *

[i] Dreyfus, Hubert L. *A Internet – Uma crítica filosófica à educação à distância e ao mundo virtual.* 2\'. Ed. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2012. Capítulo 3.

[ii] Dreyfus se refere à obra *_The Machine stops_* escrita em 1909 por Edward Morgan Forster.

[iii] Telepresença refere-se a um conjunto de tecnologias que permitem a uma pessoa sentir-se presente, dar a aparência de estar presente ou ter um efeito, via tele robótica, em um local que não seja sua verdadeira localização.

Conforme Wikipédia:

<https://en.wikipedia.org/wiki/Telepresence>,
acesso em 21 de junho de 2020.

[iv] Nossa *_urdoxa_* , conforme Dreyfus. *_Urdoxa_* é a doutrina primeira, advinda da noção de *_doxa_* dos gregos, ou opinião. Depois Husserl, em seu projeto fenomenológico, trouxe a noção para a *_urdoxa_* da experiência, contexto que estamos vendo aqui e que foi minimizado pelos estruturalistas, posteriormente, por trazer conotação transcendental. Conforme Wikipédia:
<<https://pt.qwe.wiki/wiki/Urdoxa>>. Acesso em 28 de junho de 2020.

Livre direito de manifestação - 18/06/2020

Sim, temos que falar disso pois, embora pareça óbvio, não é consenso, não é garantido. Estava eu aqui a refletir sobre a epígrafe: "livre direito" ou "direito livre" e me lembrei de Sílvio de Almeida tratando de junção semelhante entre direito = justiça e filosofia = verdade. Ou seja, ele enfatizaria que justiça e verdade antagonizam, mormente quando juntas.

Pois bem, escolhemos livre antes de direito por acreditar que mais vale a liberdade do que a justiça. Isso por que a justiça sempre falhará, mesmo que de olhos vendados. Porém, liberdade não tem referencial. Essas palavras: Justiça, Verdade, Liberdade, Homem, etc., elas não existem, de fato, já diriam certos célicos ou nominalistas. Contudo, não há como evitá-las no discurso, afinal e tão somente elas têm essa função.

Então, "livre direito de manifestação", aqui e agora, não se refere à política de uma maneira mais ampla. Nem mesmo juridicamente, de fato. "Livre direito de manifestação" é tão somente podemos _dizer_ algo. E, sim, é muito difícil dizermos algo porque há todo um aparato estabelecido para nos intimidar, seja ele claro ou latente. Além disso, há o emprego!

Sendo seres sociais, temos que trabalhar, não há outro jeito; a mãe natureza nos dá em estado bruto e temos que produzir. Nesse sentido, as forças se canalizam na função do cumprimento e caímos na heteronomia. Palavra esquisita, não é? Heteronomia não passa do oposto de autonomia e, autonomia, é o direito à livre manifestação.

Veja: autonomia é. Heteronomia, seu oposto. E sim, agora que falamos de autonomia, falamos do direito à livre manifestação e, falamos porque formalizamos. Mas, antes de formalizar, o que entristece, decepciona, é não poder livremente exercer a autonomia [plenamente] por estarmos em um estado ou ciclo evolutivo e ancestral atual de impasse.

Descumprir as regras, quebrar os grilhões, gritar! Falar, pensar, ler, ouvir, refletir, escrever, desenhar, aroeirar, etc. Tudo isso nos é roubado diariamente, seja pela fonte pagadora (porque demanda, não porque censura, _voila_), seja pela norma coercitiva. Precisamos passar a limpo tudo isso para nos tornarmos homens ou continuarmos rastejando.

Inteligência Artificial: o caminho da representação cognitiva ao dinamismo do Dasein[i] - 11/06/2020

Crítica de Dreyfus à abordagem representacional usada pela Inteligência Artificial em seu surgimento (década de 60). Baseia-se na filosofia heideggeriana que postula um tipo de existência não representacional do ser-no-mundo, que pode ensejar outra IA.

* * * * *

Com o pano de fundo de inserir Dreyfus na tradição fenomenológica, o artigo de Gomes mostra como ele se utilizou de Heidegger para criticar a abordagem representacional dos engenheiros do MIT no desenvolvimento da IA e também uma crítica à herança cartesiana dualista, combatida por Heidegger pela noção de ser-no-mundo.

Heidegger e a negação da representação. Gomes mostra como Dreyfus foi descartado no laboratório de IA do MIT sob a direção de Marvin Minsky e depois retomado, 20 anos depois, em 1986, por Patrick Winston. No cerne do problema está a abordagem representacional dos engenheiros e um projeto de mapear todas as “características” do senso comum deixando de fora o próprio mundo. Então, um robô que se orientasse pelo mundo seria mais bem sucedido.

Conforme mostra Gomes, tendo como base a filosofia racionalista[ii], a tese norteadora da IA era aproximar a cognição (cognitivismo) da computação a partir da ideia de que a “percepção funciona como uma síntese de dados isolados com _predicados previamente estabelecidos_ que, em princípio, podem ser transpostos para um sistema artificial como um computador” (grifo nosso). Entretanto, Dreyfus se utiliza de Heidegger para conceituar uma intencionalidade ante predicativa que entrelaça o ser com o mundo na significação e não uma consciência que se isola pela via da representação. Dreyfus percebe que “os pesquisadores estavam tendo dificuldades com o problema de representar o significado e a relevância, um problema que Heidegger viu como implícito no entendimento de Descartes do mundo como um conjunto de fatos sem sentido nos quais a mente faria a valoração posteriormente.”.

Ao tentar resolver o problema do conhecimento de senso comum [frame problem], Minsky buscou armazenar a enormidade de fatos do mundo sem se dar conta que mais valia a totalidade existencial. Ao limitar robôs a “micromundos”, de forma a reduzir as possibilidades de análise, a base empírica de explicação do Dasein ficava mais distante. Porém, duas décadas depois, Winston já se

aproximava da noção existencialista e os robôs de Rodney Brooks possuíam sensores que aprendiam com o ambiente trazendo a questão corporal da cognição.

****Pano de fundo.**** Diferentemente da abordagem cognitivista de armazenamento da predicação dos objetos (função), o Dasein é significado em cada contexto (ação). O corpo funciona de forma irrefletida, não precisa representar para si, e há casos em que o conteúdo intencional da consciência está voltado a outro Dasein (andar, passar a marcha do carro, eu faço isso, mas penso naquilo, etc.). A cognição tem um aspecto não representacional que é não predicable, ou seja, citando Dreyfus, “todo modo de lidar com o mundo acontece em um pano de fundo que Heidegger chama de ser-no-mundo, o qual não envolve nenhum tipo de representação”. Antes do cogito cartesiano (da intencionalidade de ato), há o ser-no-mundo heideggeriano, não representacional e mais básico onde ainda não há valor predicativo nem estado de consciência.

****O modelo neurodinâmico de Freeman**[iii]**.** O modelo de Freeman é o contraponto encontrado por Dreyfus para se opor ao representacionismo cognitivista. Em suas pesquisas com coelhos, Freeman mostra que os estímulos do ambiente atuam sugestionando o comportamento e criando uma significação que se altera com o tempo. A soma das experiências cria reações diversas a estímulos semelhantes ressaltando o papel valorativo do organismo na apreensão do ambiente, algo que não cabe em um modelo interno representacional do ambiente. O computador tem um modelo prefixado que não aprende com novas informações, suas representações não dão conta do dinamismo e historicidade do comportamento, que sempre se reconfigura globalmente a partir de novas percepções do mundo. Programar assim a inteligência humana ainda requer um agente corporificado capaz de ser-no-mundo, de acordo com Dreyfus.**

****A esfera ontológica do Dasein**[iv]**.** A ciência usa uma perspectiva ôntica, segundo Heidegger, para examinar os objetos e sua composição física deixando de fora a ontologia, uma análise fenomenológica do objeto. Mais do que um substrato material, o aspecto ontológico do ser do Dasein traz o pano de fundo não representacional, e só assim se torna inteligível para nós, mesmo antes do acesso à consciência. Para Heidegger a redução da análise à res extensa exclui a significação.**

Da mesma forma, como mostra Dreyfus, o cognitivismo que armazena regras e fatos visando formalizar a representação deixa de fora a significância e não atinge o que é relevante em cada situação. Como dito sobre os micromundos, em contextos menores e dadas suas particularidades o cognitivismo funciona, como em carros auto dirigíveis. Porém, para o comportamento humano há um background não representacional de um ser-no-mundo que é inesgotável e dialético, difícil de ser artificializado. O cognitivismo, em uma visão heideggeriana atualizou a

ontologia cartesiana em uma esfera ôntica que não é suficiente. Mas é a ontologia do Dasein que desvela o fenômeno e a perspectiva não representacional.

* * * *

A *_res extensa_* é um recorte material do real que não abarca o ser-no-mundo e, dessa maneira, uma representação do exterior não traz consigo o aspecto da intencionalidade ante predicativa. Assim, a ontologia do Dasein mostra que o acúmulo desenfreado de dados pode não conduzir ao comportamento inteligente, como esperado pela IA.

* * *

[i] HUBERT DREYFUS E O ANTICARTESIANISMO HEIDEGGERIANO. Rodrigo Benevides Barbosa Gomes. Disponível em:

<<http://revistas.marilia.unesp.br/index.php/kinesis/article/view/8070>>.

Acessado em 08 de junho de 2020. O Ser-aí ou o Ser-aí-no-mundo e Existência é a tradução portuguesa do termo alemão **Dasein** , muito usado no contexto filosófico como sinônimo para **ser existente**. Conforme

<<https://pt.wikipedia.org/wiki/Ser-a%C3%AD>>, acessado em 11 de junho de 2020.

[ii] Segundo Dreyfus, embora os estudantes de IA dissessem resolver questões filosóficas seculares, seus sistemas simbólicos físicos se baseavam nas representações mentais de Descartes, na tese de Kant de que conceitos são regras, etc.

[iii] A abordagem neurodinâmica de Freeman assemelha-se aos princípios da **Gestalttheorie** que recusava a chamada hipótese de constância, na qual a resposta aos estímulos funcionava como um padrão pré-estabelecido que não muda a partir dos diferentes contextos e ações. Citando Freeman: “Não há representações fixadas, como há em computadores; há apenas significações”. Gestalt é uma doutrina que defende que, para se compreender as partes, é preciso, antes, compreender o todo. Conforme Wikipédia:
<<https://pt.wikipedia.org/wiki/Gestalt>>, acessado em 10 de junho de 2020.

[iv] Em resumo: **ôntrico** diz respeito aos entes em sua existência própria; **ontológico** diz respeito aos entes tomados como objetos de conhecimento. Como existem diferentes esferas ou regiões ônticas, existirão ontologias regionais que se ocupam com cada uma delas. Em ÔNTICO E ONTOLOGICO - Filosofia, Ética e Cidadania,

<<https://www.passeidireto.com/arquivo/4412471/ontico-e-ontologico>>, acessado em 11 de junho de 2020.

O MITO DE DESCARTES[i] - 25/05/2020

Crítica de uma teoria dita oficial acerca da mente e seu lugar na natureza.

A Doutrina Oficial. Oriunda de Descartes, versa que somos um corpo que morre após a morte e uma mente que tende a subsistir. Os corpos são visíveis e sujeitos às leis mecânicas; as mentes são privadas. Segundo a **doutrina oficial** , pela consciência e introspecção temos conhecimento indubitável de boa parte dos episódios de nossa vida privada. Porém, a antítese exterior / interior é uma metáfora, haja visto a dificuldade de estímulos longínquos causarem respostas mentais[ii]. As transições efetivas entre os episódios da vida pública e privada não podem ser efetivadas nem por introspecção nem por experimentos e, assim, flutuam entre psicologia e fisiologia. Na base dessa representação, há uma existência física composta de matéria e uma existência mental temporal que ocorre na consciência. Os objetos materiais se relacionam mecanicamente no espaço, ao passo que a mente é seu próprio lugar, como um Robinson Crusoé fantasma. Pela doutrina oficial, ter-se-ia conhecimento indubitável do que se passa na mente, embora Freud tenha mostrado que existem estados mentais escondidos de nós[iii]. Além desses dados imediatos da consciência, haveria uma espécie de percepção interior que possibilitaria a observação da vida interior sem os enganos da percepção exterior. Já sobre outras mentes é possível tirar apenas inferências problemáticas, restando uma solidão absoluta para a alma e sendo o encontro um privilégio apenas corporal.

Corolário da Doutrina. Sabemos fazer comentários sobre mentes e comportamento alheios, mesmo que eventualmente incorretos e por isso filósofos construíram teorias sobre a natureza e o lugar das mentes. Mesmo sem ter certeza de qualquer laivo de verdade.

O Absurdo da Doutrina Oficial. Ryle classifica a teoria oficial como o dogma do “Fantasma na Máquina”. Ela é um erro em princípio, um _category-mistake_ , um mito do filósofo. Erro de categoria demonstrando inabilidade no uso de conceitos, exemplo: em um jogo de críquete, o “espírito de equipe” é diferente de arremessar ou bater na bola, mas não é uma terceira coisa e sim o entusiasmo através do qual cada tarefa é realizada. Já o erro de categoria teórico não é um erro de conceito, mas situar o conceito em um tipo lógico a

que ele não pertence. É daí que deriva a representação ryleana de uma pessoa como um fantasma escondido em uma máquina. Daí surgem duas unidades complexas distintas: o corpo humano e a mente humana.

****A Origem do Erro de Categoria.**** Descartes sancionou a teoria de Galileu sobre a mecânica de todos os corpos, porém, afetado pela religião e moralidade, não concordou que a mente estaria aí inclusa, como o fez Hobbes[iv]. Então, haveria um conjunto de leis para descrever o funcionamento não espacial das mentes e outro para a mecânica dos corpos. As mentes seriam “coisas” diferente dos corpos e os processos mentes causas e efeitos não mecânicos, ou seja, uma hipótese para-mecânica. A dificuldade lógica era explicar a interação, por exemplo, de um processo mental (um desejo) causar movimentos espaciais (movimentos da língua). Aderindo à gramática da mecânica, o que se referia à mente era a negação do corpo, um vocabulário invertido: não existe no espaço, não é visto publicamente etc. O corpo humano era um motor governado por um motor interno invisível, inaudível, com leis desconhecidas, uma máquina fantasma! Ademais, surge o problema do livre-arbítrio. Como o mundo físico é determinista, a mente, como categoria semelhante se guiaria por um sistema determinista governado por leis não-mecânicas, ou seja, sujeitas ao destino prefixado. Eis o erro: se sabemos a diferença entre uma expressão racional e uma não racional, não pode dizer dos outros pois não conhecemos as causas imateriais das expressões. Nem a diferença entre um homem e um robô. De acordo com a teoria, não sabemos como o comportamento externo está relacionado com as capacidades e processos mentais, nem comparar nossas ações com as dos outros. A hipótese causal não contribui para a aplicação dos conceitos mentais. Ao invés de buscar por critérios de comportamento, Descartes salientou que não era um problema de mecânica, mas de uma contrapartida da mecânica. O dogma do Fantasma da Máquina assume que corpos e mentes pertencem à mesma categoria, permitindo proposições entre eles. Como no [absurdo] exemplo de Dickens: “Ela chegou em casa num mar de lágrimas e numa liteira[v].”, não faz sentido conjugar processos mentais com processos físicos, pois não se trata da mesma espécie de coisa.

****Consequências do Erro.**** Mostrar que mente e matéria não são do mesmo tipo lógico, assim como “ela chegou em casa num mar de lágrimas” e “ela chegou em casa numa liteira” também não o são, significa acabar com a crença da oposição entre mente e matéria. Significa também que não é legítimo reduzir estados mentais a estados físicos e que Idealismo e Materialismo são respostas a uma pergunta inadequada. Nem que a existência de corpos e mentes indicam espécies diferentes de existência.

****Nota Histórica.**** Por fim, duas notas:

1. O mito não se deve exclusivamente a Descartes – ele estava de fato reelaborando doutrinas teológicas já predominantes como a Predestinação se transformando em Determinação.
2. A utilização de mitos pode contribuir positivamente, como a substituição do mito para-político (analogia da mente com leis, obediência, rebeldia, etc.) pelo para-mecânico.

* * *

[i] O MITO DE DESCARTES. Adaptação de Osvaldo Pessoa Jr. São Paulo, 2011.
Disponível em
<http://opessoaf.flch.usp.br/sites/opessoaf.flch.usp.br/files/Ryle-Mito-Descartes-2.pdf>, acessado em 20 de maio de 2020.

[ii] “(...) encontramos teóricos especulando sobre o modo segundo o qual os estímulos, cujas fontes físicas se encontram a metros ou quilômetros de distância da pele da pessoa, podem dar origem a respostas mentais dentro de seu crânio (...)"

[iii] O inconsciente etc.

[iv] Lembrar Hobbes, conforme <https://pt.wikipedia.org/wiki/Thomas_Hobbes>, acesso em 25 de maio de 2020. “Em seus livros "Os elementos da lei" e "Leviatã", Hobbes torna evidente o uso da física e suas leis mecânicas como base para explicar fenômenos psíquicos e físicos, chegando até mesmo a comparar o homem com uma máquina, além de fazer analogia à mecânica do homem e à mecânica do relógio: "O que é o coração, senão uma mola; os nervos, senão outras tantas cordas; e as juntas senão outras tantas rodas; imprimindo movimento ao corpo inteiro, tal como foi projetado pelo Artífice?" Porém é apenas em seu livro "De Corpore" que Thomas Hobbes demonstra-nos de forma total e estruturada o conhecimento mecânico da natureza, conhecimento este que se mostra consolidado apenas em "Tractatus opticus"."

[v] Uma liteira é uma cadeira portátil, aberta ou fechada, suportada por duas varas laterais. Vide a imagem
https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/3/3d/Museu_Nacional_dos_Coches_%285%29_-_Mar_2010.jpg/220px-Museu_Nacional_dos_Coches_%285%29_-_Mar_2010.jpg, acessada em 25 de maio de 2020.

Mente gorda ou mente magra? - 09/05/2020

Uma das questões em filosofia da mente[i], talvez um pouco abstrata em certo sentido[ii], é o tratamento da mente como um “algo” ou independente disso. Poderíamos usar uma figura de linguagem: se a mente for algo, temos uma mente gorda, negando-se que haja uma mente ou se o seu conteúdo material não tiver um papel preponderante ou relevante, tal mente é magra.

Mais do que isso, obviamente, uma mente gorda é substancialista, uma mente magra é funcionalista. Indo direto ao ponto: uma teoria substancialista em filosofia da mente versa que a mente, no limite, é algo essencial dentro de uma célula. Para uma teoria funcionalista a mente não é esse algo, mas pode ser uma relação.

A mente gorda tem um aspecto qualitativo e subjetivo, algo que não pode ser observado externamente. O mentalismo é uma teoria da mente gorda. Há uma mente magra quando podemos verificá-la pelo comportamento externo, quando a natureza da mente se esgota em sua aparência[iii]. O comportamentalismo filosófico é uma teoria da mente magra.

Então, a mente gorda tem algo dentro, a mente magra não tem nada dentro (que importa?).

O fato da mente gorda dificulta a investigação científica e gera diversos problemas, por exemplo, o citado por Thomas Nagel: “what is like to be a bat” e no limite da crítica chegar ao argumento solipsista: só se conhece uma consciência quem a tem, só quem tem a dor a sente, etc.

O fato da mente magra é a falta de explicação dos aspectos qualitativos e subjetivos. Especificamente o fato de, em determinadas circunstâncias uma alteração mental [qualitativa] não resultar em alteração de comportamento. Podemos nos referir ao experimento de Fodor da troca do filtro vermelho pelo verde. Temos uma outra sensação nessa troca, que o funcionalismo não explica.

Por fim a pergunta: uma máquina pode ter consciência?[iv] Se ela não pode, é claramente porque uma mente é gorda, se ela pode é porque a mente é magra e pode ser feita de silício, sinteticamente, etc. e se abre o campo da inteligência robótica, do simulador de cérebros, entre outros.

* * *

[i] Conforme

<<http://opessoaa.fflch.usp.br/sites/opessoaa.fflch.usp.br/files/TCFC3-18-Cap01.pdf>>, primeiro capítulo de Osvaldo Pessoa, acessado em 09/05/2020.

[ii] Abstrata com relação ao tópico do segundo capítulo que trata de fisicalismo. Aqui investigamos _uma possibilidade_ de substrato material. Lá nos parece um assunto mais “concreto” porque investigamos _o_ substrato material (ou imaterial). Ver:

<<https://www.reflexoesdofilosofo.blog.br/2016/03/da-para-desatar-o-no-do-mundo.html>>.

[iii] Searle considera que uma característica da mente é a aparência, embora ele não seja um comportamentalista, já que dissocia mente de comportamento, conforme: <<https://www.reflexoesdofilosofo.blog.br/2016/02/haveria-independencia-entre-mente-e-o.html>>.

[iv] Ver <<https://www.reflexoesdofilosofo.blog.br/2020/01/a-consciencia-daginoidei.html>>.

Psicologia Popular* - 02/05/2020

Trata-se de supor a existência de crenças e desejos, algo negado pela ciência materialista que não os define como entidades físicas e materiais e, portanto, relega-os uma existência mística ou metafísica.

-

-

A PP não é uma teoria [proposicional], mas baseia-se no background, ou seja, na nossa experiência. Entretanto, as teorias populares são verdadeiras em sua maioria, de outra forma a humanidade não teria sobrevivido. Se a física popular pode se enganar sobre a origem do universo, por exemplo, isso não é verdade para o movimento dos corpos em geral, pois sabemos o que ocorre com nosso corpo ao pularmos de um penhasco.

Dito isto, a PP _não postula_ crenças e desejos que deveriam ser validados pelas **ciências cognitivas**. Crenças e desejos são _experimentados conscientemente_ , por exemplo, minha vontade de tomar água agora. Além do mais, não é uma _conditio sine qua non_ que crenças e desejos causem ações invariavelmente, visto que ainda não acertei na loteria.

Mas por que reduzir as entidades da PP a entidades básicas das CC? A redução de crenças e desejos à neurobiologia é irrelevante para a existência das crenças e desejos já que a existência dos fenômenos é anterior à teoria. Além do mais, a redutibilidade não garante legitimidade às entidades, embora tenha sido uma exigência incompreensível para a ontologia.

Por fim, parece difícil refutar possíveis proposições da PP, como:

1. Em geral, crenças podem ser verdadeiras ou falsas.
2. Às vezes as pessoas ficam com fome e, quando estão com fome, frequentemente querem comer algo.
3. As dores são muitas vezes desagradáveis. Por esta razão, as pessoas frequentemente tentam evitá-las.

Tratam-se, na verdade, de princípios das crenças e desejos, ou seja, fazem parte de suas definições. Um exemplo clássico é o engano que o bom senso atribui a uma dor sentida no pé. Verificou-se que a dor se dá de fato no cérebro, mas isso não torna a dor inexistente. Isso não autoriza sua eliminação. Significa apenas que o senso comum é complementado pelo conhecimento científico adicional.

* * *

* Conforme: SEARLE, J. A redescoberta da mente. São Paulo: Martins Fontes, 2006. Apêndice p. 87: _Há algum problema com a Psicologia Popular?_

Introdução à intencionalidade em Searle[i] - 27/04/2020

Na sua teoria da mente, como já vimos nesse espaço, Searle nega tanto dualismo como monismo alegando a influência cartesiana anacrônica em ambas as visões e propondo uma abordagem que trate a consciência, ao mesmo tempo irredutível, como fenômeno biológico natural. Entretanto esse fenômeno se naturaliza pelo fisicalismo reduzindo o mental a processos físicos, depreciando o estudo da consciência e não levando em conta o aspecto subjetivo.

Nesse sentido, há uma profunda divergência entre Searle e Dennett no tratamento da mente conforme o “senso comum”, pois “para Dennett há uma extravagância metafísica na ontologia subjetiva de Searle”. Dennett trabalha com a visão objetiva de ciência na qual o tratamento da consciência não se enquadra, pois não permite verificação “de terceiros”.

Por seu lado, para Searle a mente é um objeto existente e deve ser investigada cientificamente, pois que pessoas sintam dores, por exemplo, é um fato objetivo, embora ontologicamente subjetivo e deveríamos buscar uma explicação neurobiológica da causação dos estados conscientes pelos processos cerebrais.

Em Searle opera papel fundamental a **intencionalidade** , produto biológico evolutivo, que faz com que nos conectemos com o mundo através de estados intencionais com certas características: veracidade (o objeto deve existir), direção (mente-mundo; mundo-mente), um determinado conteúdo e o modo psicológico: uma crença, desejo, etc.

Duas são as formas biológicas mais básicas de intencionalidade: o ato perceptivo, que traz consigo um “background” de significados com que nos relacionamos com os objetos e a ação intencional, que é a condição de satisfação de uma intenção, seja uma intenção prévia e as não-intencionais, porém com intenção em ação e que até possa resultar em acidentes.

Tanto na percepção, como na ação, há uma relação causal não como lei universal, mas relação lógica de causação intencional onde o conteúdo intencional é satisfeito. Além disso, não há teoria da intencionalidade sem o background de crenças, desejos e demais estados psicológicos, ou seja, “conjunto de capacidades mentais não-representacionais que permite a ocorrência de toda representação”. Portanto, o background é o elo de nossa parte subjetiva com os fatores externos de estímulo.

Embora a posição de Searle possa equivaler a um realismo ingênuo, acredita-se que a neurociência abrirá caminhos para o estudo dos aspectos empíricos da consciência e não haveria contradição entre uma abordagem de senso comum e a

ciência. Para Searle, vencer o vocabulário tradicional é pode tratar da mente e não separá-la. É tratar cérebro e mente como duas coisas distintas, porém físicas.

* * *

[i] Fichamento de “Subjetividade e intencionalidade: Searle crítico de Dennett”, acessado no endereço:
<https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/FILOGENESE/pauloejonas.pdf>,
em 24/04/2020.

Investigação da mente: evolução e intencionalidade[i] - 20/04/2020

Trata-se de mostrar a contribuição metodológica de Dennett pelo aspecto evolutivo, utilizando-se de Darwin, porém com as limitações do aspecto intencional. De toda forma, abre-se uma perspectiva explicativa para nos tirar da zona de conforto do dogmatismo de acreditarmos que somos seres superiores.

**

**

Introdução. Gildeon localiza o funcionalismo como uma teoria fiscalista não reducionista, ou seja, fisicalismo que, entretanto, aceita a irreductibilidade do mental ao físico, mas não como sendo um dualismo de substância e sim tratando os estados mentais como propriedades físicas[ii]. No funcionalismo os estados mentais executam funções que _não são idênticas_ ao cérebro e, dessa forma, se alinha ao uso de inteligência artificial equiparando corpo e mente a hardware e software e abrindo caminho para a realização de estados mentais em robôs.

Gildeon classifica Daniel Dennett como um funcionalista materialista, pois considera a função uma mera abstração e também naturalista, pois trata o mental como produto da evolução e então aborda os primeiros capítulos da obra _Tipos de Mentes_[iii]. A partir de Wrigley[iv], Gildeon ressalta dois

problemas materialistas que são tratados por Dennett: consciência e intencionalidade. Sobre a consciência, Dennett ressalta o papel fundamental da linguagem como elemento responsável por nossa ação, capacidade exclusiva humana e alcançada pela evolução. Sobre a intencionalidade, como evento físico no cérebro representando estados externos, Dennett aponta que isso também ocorre em animais mais primitivos que, ao representarem o ambiente em que estão inseridos, guiam suas ações de sobrevivência[v].

Outro ponto que Gildeon destaca é a rejeição de Dennett ao _hard problem_ , elaborado por Chalmers[vi], já que para Dennett não há estado subjetivo independente e ele considera o “eu” uma ficção, como a gravidade na física, abrindo espaço para a análise da mente a partir da terceira pessoa, como ciência.

**

**

A perspectiva evolutiva. O primeiro alerta de Dennett, segundo Gildeon, é o de procurar abordagens que transponham as tradições superando os mistérios da mente por uma metodologia um pouco tateante no ir e vir da mente humana e de outros animais numa perspectiva evolutiva que não se da em linha reta. Em busca dessas diferenças, há questões de natureza ontológica “Que tipos de mentes existem?” e epistemológica “Como sabemos?”, porém evitando a tradição que parte da nossa _capacidade de conhecer_ as _realidades existentes_ (ressalta-se a oposição conhecer e ser).

Embora sabendo da dificuldade em se conhecer a mente, é preciso desassociá-la do incognoscível, afinal sabemos que temos uma mente e um cérebro, mas não os conhecemos do mesmo modo, já que a primeira conhecemos internamente, entretanto não caímos no solipsismo porque sabemos que os outros homens também têm a sua mente. Para Dennett, conforme Gildeon, sabemos que temos uma mente principalmente pelo pronome “você” e pela linguagem que permite compartilhar nosso mundo subjetivo, embora seres sem linguagem ou fala também possam ter uma mente (ausência de fala não é ausência de mente).

Comparando a linguagem à impressora de um computador, Dennett argumenta que ele pode existir sem ela, ou mesmo realizar coisas sem pensar, inconscientemente. Ou seja, aquelas criaturas sem linguagem poderiam realizar as coisas automaticamente, como nós, reduzindo nossa fronteira para com eles. De modo a fugir de questões insolúveis, Dennett propõe o esforço investigativo frente à mera imaginação, baseado em hipóteses como saber se a linguagem é de fato periférica ou se há mesmo criaturas com uma mente. Dennett aponta para a investigação histórica de que evoluímos de seres com mentes mais simples ou

sem mente, como caminho para obter respostas. E na atitude interpretativa da mente, no seu aspecto intencional.

**

**

A postura intencional. Dennett trata a postura intencional como um comportamento que governa as ações se baseando em crenças e desejos, aproximando-se da “psicologia popular”. Dennett visa a postura intencional a outros seres, no sentido de uma antropomorfização que conduza descoberta de diferenças para com os nossos ancestrais e demais espécies. Assim o fenômeno da mente leva a uma ancestralidade comum.

Citando o exemplo de um vírus que toma inúmeras ações automáticas e detalhadas para se reproduzir, Dennett busca mostrar, segundo Gildeon, que há uma predição das ações e movimentos dessa entidade, mesmo que não consciente de razões, porém como um agente de ação, não passivo.

Dennett estabelece uma hierarquia de estratégias de predição, primeiro uma postura física, baseada em leis que guiam o movimento dos corpos, depois a postura de planejamento, quando algo é planejado para funcionar de determinado modo, como o avião, por exemplo, mas que pode ter sido mal projetado e não funcionar corretamente. Por fim, a postura intencional que, além de planejada, ainda seguiria pela busca do próprio bem (no caso do vírus, buscando sobreviver).

Sobre a racionalidade e a busca do próprio bem se configura a função como respostas certas a evolução natural. Então, utiliza-se a postura intencional para se verificar qual poderia ser a escolha racional de agentes supostamente inteligentes para satisfazer suas necessidades. Aqui o alerta e limitação de não se imputar atributos enganosos às entidades investigadas.

Gildeon finaliza com a distinção do uso da intencionalidade nesse contexto, não como voluntariedade, mas no sentido de destinar-se a algo em um modelo chave e fechadura. Mesmo que “involuntária e automaticamente”. E, sobre a metodologia, Gildeon se pergunta se essa metodologia harmoniosa “evolução intenção” se aplicaria além dos limites do funcionalismo.

* * *

[i] Conforme “Daniel Dennett: uma perspectiva evolutiva da mente”. De Gildeon Oliveira do Vale, acessado em <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/bauman/article/view/9507>, 11/04/2020. Cadernos Zygmunt Bauman, Universidade Federal do Maranhão.

[ii] Referência a VIANA, Wellistony C. “Hans Jonas e a filosofia da mente”.

[iii] DENNETT, Daniel. Tipos de mentes – rumo a uma compreensão da consciência. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

[iv] WRIGLEY, Michael, O seu tataravô era um robô, FSP, 11 de julho de 1998.

Em:

[https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1998/7/11/caderno_especial/10.html](https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1998/7/11/caderno_especial/10.html), acessado em 12 de abril de 2020\.

[v] Importante ponto ressaltado por Wrigley é a diferença de abordagem da intencionalidade entre Searle, que considera haver mais de uma e Dennett considerando apenas uma.

[vi] Abordamos o _hard problem_ aqui:

<https://www.reflexoesdofilosofo.blog.br/2016/05/a-informacao-como-lei-da-consciencia.html>.

Xô coronga - 18/04/2020

Coronga chegô e não pediu licença.

Coronga cagô, pra mim e procê.

Mas o coronga só quer viver.

Quem não quer viver?

O homem pode não querer viver,

Ele tem essa hipótese.

Ele também não pede licença,

Se vai.

Mas o coronga, danado,

Pobre coitado, não tem opção.

O coronga vai pa dentro,

Se multiplica.

Hoje, 18 de abril,

Tem mais coronga ou ideia?

Tem muita ideia e coronga.

Mas tem ideia pra matar coronga?

Não sabemos.

Não sabemos de nada.

O que achamos que sabemos

É mentira.

Eu só queria sair

E o coronga só quer entrar.

Então vamos decidir:

Se o coronga vem,

Eu não vai.

Se o coronga vai,

Eu vou.

Se o coronga vai, eu vai.

Pa onde???

A consciência subjetiva é parte da realidade* - 10/04/2020

**_Introdução_. Candiotti insere Searle na tradição da filosofia analítica do Círculo de Viena, porém mais voltado ao campo da filosofia da linguagem na construção de uma concepção de verdade e enfatizando suas preocupações na filosofia de mente referentes ao dualismo e monismo. Observando questões como subjetividade, consciência, realidade e racionalidade, para Searle nem dualismo e nem materialismo são respostas para a filosofia da mente devido a seus problemas epistemológicos.

A irredutibilidade da compreensão da realidade.*** Candiotti inicia pela posição de Searle sobre o materialismo mostrando que essa filosofia não consegue se livrar das referências ao mental. Se o materialismo coloca dualismo ou misticismo como suas objeções, ao tentar negá-los acaba por aderir ao vocabulário dualista. Então, o termo materialismo traz associado o mentalismo, assim como objetividade evoca subjetividade.

O materialismo se caracteriza pela aversão ao conceito de consciência tratando-a como espaço de subjetividade fechado em si. Porém Searle mostra que a característica principal da consciência é a intencionalidade, ou seja, sua relação com o mundo. Para Searle a ciência se valeu da separação entre mente e matéria ocorrida no século XVII para progredir se baseando em fenômenos mensuráveis, entretanto essa visão torna-se obstáculo para o tratamento da mente cientificamente, no século XX, como um fenômeno biológico (como a fotossíntese ou a digestão, por exemplo).

Searle mostra que o modelo moderno de compreensão da realidade ao pressupor a objetividade tenta afastar a subjetividade. Porém, para ele, a subjetividade faz parte da realidade e, portanto, a consciência que aí é fenômeno biológico natural. Ora só temos acesso à realidade pela nossa subjetividade e mais do que isso, ela é um fato científico, uma verdade objetiva, também.

Baseado no modelo moderno que reduz a realidade observada a leis e fórmulas, o materialismo [reducionista], ao descrever a mente de forma objetiva e material, elimina a subjetividade e, portanto, o essencial da consciência. Ora, isso não é possível, pois a subjetividade é irredutível, ela é um aspecto da realidade!

Remontando o problema da separação entre mente e matéria a Descartes (res cogitans versus res extensa), Searle trata essa suposição como obstáculo ao estudo do cérebro, já que a teoria dominante nas ciências é a materialista embora ele a classifique como uma variação de dualismo, pois mantém essa separação.

O dualismo considera a mente algo diferente, mas não a procura definir. As ciências causais não acham espaço para a complexidade do subjetivo que se expressam em primeira pessoa. Por exemplo, a dor é algo subjetivo, fenômeno mental e impossível de ser reduzida. Mesmo que se explique somente a própria pessoa sente. Ou seja, o explicar rejeita o aspecto subjetivo. E, se tentarmos

evitar os aspectos mentais, não negaremos que “há um componente físico irredutivelmente subjetivo como componente da realidade física”.^[i] Componente misterioso? Para o dualismo e materialismo sim, pois suprimem a subjetividade.

Portanto a irredutibilidade da compreensão da realidade, em nosso entendimento, significa que reduzimos o físico, mas não conseguimos reduzir o mental, ainda. E Searle a confirma, pois ao eliminar a consciência, as teorias negam fatos evidentes como nossas dores, alegrias e percepções. E isso o materialismo não pode fazer, pois a consciência é tanto um fenômeno mental, qualitativo e subjetivo, quanto uma parte natural do mundo físico; e, por ser subjetiva, a consciência é irredutível.

**
—
**
—

Pano de fundo da compreensão da realidade. Searle mostra o papel fundamental da filosofia da linguagem quando diz que para formar a concepção de o quer que seja no valemos de pressupostos que são o nosso Pano de Fundo. São pressupostos que no mais das vezes não questionamos assim como dualismo e materialismo e seus pressupostos epistemológicos de objetivo e subjetivo que, entretanto podem ter outro sentido, como por exemplo, o sentido ontológico.****

**
—
**
—

Sentidos ontológico e epistemológico das palavras objetivo e subjetivo.*** Aqui se trata da distinção entre epistemologicamente subjetivo, epistemologicamente objetivo, ontologicamente subjetivo e ontologicamente objetivo. Episteme é conhecimento de algo, ontologia é existência de algo. Algo pode existir independentemente do sujeito, de modo objetivo: as árvores, o mar ou devido à nossa experiência, de modo subjetivo: as dores, sentimentos. Do mesmo modo, há um conhecimento, uma afirmação objetiva independente do sujeito: “Marx escreveu O Capital no século XIX” e a subjetiva: “as obras de Marx têm um estilo melhor que as de Weber”.

Portanto, se por um lado a consciência é subjetiva, é uma ontologia da primeira pessoa, por outro a episteme científica é objetiva. Mas, essa comparação não é equivalente, senão incoerente. O fato de a ciência buscar

verdades epistemologicamente objetivas não impede uma investigação ontologicamente subjetiva. Candiotti ressalta que a distinção epistêmica corpo-mente inaugurada gerou, equivocada e inadvertidamente, a distinção ontológica entre corpo e mente. E esse é o ponto de Searle, o problema está na má compreensão da linguagem e nas divergências do uso dos termos.

**
-
**
-

O dualismo e o materialismo: a incoerência conceitual dos termos objetivo e subjetivo. Então cada uma das correntes tem influenciado a filosofia da mente com suas posições padrão: para o dualismo o indivíduo é corpo e mente (irredutibilidade do mental), mas distintos e para o materialismo há um mundo apenas físico (consciência deve ser redutível). Ou seja, para Searle, ambas não abordam a mente como aspecto do real e suas posições devem ser revistas.

Concluímos com as indicações de Searle, tomadas por Candiotti, de que devemos superar o problema metafísico corpo-mente tratando a consciência como resultado de processos cerebrais e abandonar aquele vocabulário obsoleto. Segundo Searle, é preciso buscar alternativas para rejeitar as pressuposições categoriais de corpo-mente, matéria-consciência e compreender a consciência como fenômeno biológico baseado em uma ontologia subjetiva. Somente transpondo certos compromissos filosóficos podemos avançar em um novo rumo na filosofia da mente.

* * *

* Conforme “JOHN R. SEARLE e os impasses epistemológicos das argumentações do dualismo e do materialismo monista referentes à Filosofia da Mente.” Por Kleber Bez B. Candiotti, publicado na Revista de Filosofia Aurora, PUCPR. Acessado em 04/abril/2020: <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/aurora/article/view/2116>>.

[i] Dado o padrão atual de redução em voga na realidade.

Nunca fomos tão burgueses - 07/04/2020

Em tempos de COVID-19, nós, classe média, profissionais liberais, nunca fomos tão burgueses. Propriedade privada, acúmulo de capital, mais do que nunca estamos em nossa bolha. Bolha que um dia começou virtual, nas redes, mídias sociais, mas agora é física. Físico-virtual.

De fato, para nós, burgueses, as fronteiras estão se apagando. O físico, mundo real, vai se perdendo e se torna distante, é uma fresta na janela. De alguma forma tudo o que precisamos está em nossas mãos, tudo chega até nós. A eletricidade para a iluminação, banho quente se necessário e todos os aparelhos elétricos e eletrônicos que acumulamos, água tratada. A internet chega à nossa casa e traz o mundo junto. A comida vem do aplicativo, as contas todas automáticas, não é preciso dinheiro. Sabemos pela televisão ou programas de transmissão de notícias de fatos que parecem estarem tão longe...

Mas não estão. Os fatos estão na rua, mas com a COVID-19 a rua é território proibido. Porém, subindo a rua aqui ao lado, rua Teodoro Sampaio e virando na Av. Dr. Arnaldo está o HC, o Adolfo Lutz, etc. Se descer para o lado do Pacaembu está o estádio municipal tão conhecido pelo futebol e agora hospital de campanha.

O estádio do Pacaembu, privatizado por Doria e já mais afastado do futebol, é utilizado como medida emergencial para salvar vidas. Política? Sim. Politicagem? Talvez, não julguemos. E como disse o Trajano, esse é o maior jogo da história daquele estádio. Assim como as imensas filas de sem teto recebendo alimentação dos franciscanos, no largo. Tudo isso é real.

Portanto, sim, há gente agindo na rua, naquele mundo perdido. Devemos sair? Sabemos que não, mas até quando o não sair é nosso lenitivo?

Não tem ninguém na rua - 28/03/2020

Não tem ninguém na rua?

Eu olho pela janela, nada!

Está frio, venta, um aqui, outro ali.

Não tem carro, ninguém vai e ninguém vem.

Ninguém?

Tem sim.

É você que não vê.

Você só vê o que quer e não vê porque não crê.

Só crê em você.

Só quer.

Mas tem algo que você não vê,

Tem.

Tem muita coisa.

Tem coisa grande e pequena,

Não tem?

Tem gente que você não vê.

Mas hoje tem pouco...

Quando tem muito, você não vê.

E hoje, o que você vê?

Você não vê,

Você não acredita.

Tem um bicho ali, na esquina.

Na esquina, na janela.

Na minha casa e na casa dela.

É o que mais tem.

O que você não quer.

Mas você só quer.

Você só o quer, não tem ninguém?

Terraplanismo - 26/03/2020

A partir de 2013 começou um processo de radicalização de um tipo de opinião a favor de “direitos individuais” que traz a reboque um empreendedorismo cego aliado ao cerceamento do debate. Eleito o inimigo, naquele momento coisa simples, fácil e óbvia, sedimenta-se o caminho rumo à negação da ciência, apego ao Deus provedor das igrejas e um movimento direitista sutil que se apropria das mídias sociais para alienar a maioria da população.

Eleito o novo messias em 2018, o resultado não é somente robôs virtuais que fazem disparos em massa a serviço do gabinete do ódio ou do gado que se vê empoderado no líder, mas toda uma inteligência coletiva degradada. O povo se perdeu, a classe média quer migalhas. Essa camada sempre semi-favorecida, mas nunca abandonada, sempre flutuando por cima dos que carregam o piano, tal classe, sim, trabalhadora também, emburreceu.

É triste e tenho dó deles. Tenho dó porque estão além das possibilidades. Repulsam a crítica. Criam mitos brucutus e artificiais. Há tanto debate na esquerda, nos blogs sujos, na academia. Há, também, eventualmente, erros,

ideologia. Mas as sobras que são jogadas para essa camada que (benza deus!) agradecem, é um filme monocromático. Vide Jornal Nacional e o desfile de economistas coxinhas, um monólogo chato e sonolento. Não há diversidade.

Será que eles (classe média) merecem? Ou será que não fomos capazes de formar uma sociedade mais emancipada? O discurso raso, o viver utilitário (trabalho-resultado), o mercado, enfim, tudo isso germina nossa sociedade hipócrita e mesquinha. Mas, eu tenho dó porque eles acham que assim são felizes. E, certamente, não é soberba de minha parte pois sei que só estamos aqui para usufruir enquanto for possível e enquanto deixarem. Depois disso é só o pó.

Critérios de Mesmidade[i] - 25/03/2020

Claudio Costa trata do que ele chama _mesmidade_, que é o conceito de identidade pessoal que faz com que uma pessoa seja a mesma ao longo do tempo, ou seja, sua identidade numérica. Isso definido, Costa busca critérios para essa identidade pessoal, que são abordados por teorias físicas e psicológicas, as primeiras se atendo à continuidade corporal ou cerebral, as segundas na manutenção de traços de caráter, recordações pessoais, etc.

Critérios físicos. Costa coloca em dúvida a permanência corporal, já que um corpo morto não é mais uma pessoa. Sobre a permanência do cérebro[ii], Costa se pergunta se seria um critério mais decisivo que o corpo. Não necessariamente, pois se pensarmos em um cérebro mantido em formol ou o de alguém em coma, não se pode considerar que a continuidade do cérebro é exatamente o critério para identidade pessoal.

Teletransporte. Um experimento mental citado por Costa é o de Derek Parfit que trata do teletransporte de uma pessoa da Terra para Marte, em que não haveria continuidade corporal, mas que o filósofo considera ser a mesma pessoa. Peter Unger pensa diferente, dizendo que a pessoa original não existe mais, restando apenas uma réplica. Se, talvez a _continuidade física substantiva_ não seja imprescindível, Costa mostra que ao menos uma _conexão física causal_ deve ser necessária para relacionar a pessoa, o que seria verdadeiro no caso do teletransporte. Porém, se o teletransporte produzisse 5 cópias, por exemplo, não seria possível dizer que se trata da mesma pessoa (como no caso da ameba: 1 vira 2 que vira 4, etc.). Enfim, citando Robert Nozick, Costa conclui que "a identidade é possível quando a continuidade física substantiva ou causal é _unilinear_".

Critérios psicológicos. O ponto crucial, que Costa atribui a Locke, é o da memória pessoal, ou seja, sei que sou eu até onde vão minhas lembranças sobre mim. Contudo, Costa ressalta que o caso de alguém que perca sua memória, porém guarde traços psicológicos pode facilmente mostrar ser a mesma pessoa. E ilustra com o caso do motorista de Lady Di que perdeu a memória no acidente, embora saibamos que se trata dele mesmo e podemos até informá-lo disso. Assim como o critério da continuidade corporal [objetiva], a permanência da memória pessoal [subjetiva] não é critério suficiente para a identidade pessoal.

Por fim, Costa cita alguns casos onde a memória pessoal não seria relevante, quando, por exemplo, em um teletransporte a memória de Arafat fosse trocada com a de Sharon, isso não os faria perder sua identidade pessoal, porém provavelmente causaria algum desconforto. Muito embora, acrescenta Costa, a memória pessoal deveria ser confirmada por outra pessoa para que de fato pudéssemos comprovar que se trata da mesma pessoa, ou seja, ela seria um pressuposto epistêmico.

Critérios mistos. Costa então propõe uma regra P baseada nos dois grupos anteriores: A e B. Define-se:

Grupo A (critérios físicos):

1. Continuidade física substantiva
2. Conexão física causal

Grupo B (critérios mentais):

1. Persistência da personalidade e caráter
2. Persistência da memória proposicional e de habilidades

E a Regra P: uma pessoa pode ser considerada a mesma quando ao menos um critério de cada grupo estiver sendo suficientemente satisfeito.

A regra é maximizada quando temos todos os critérios aceitos e se degrada aos casos que quase não sabemos decidir. Ou seja, conclui ele, não há uma condição objetiva para analisar a questão da identidade pessoal.

* * *

[i] COSTA, CLAUDIO. *Filosofia da Mente* , p. 38 e ss. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005. (Passo-a-passo; 52)

[ii] Que teria prioridade sobre o corpo, conforme o exemplo de Sydney Shoemaker da pessoa chamada **Brownson**.

Emergentismo - 08/03/2020

Pegamos um recorte pequeno de El-Hani & Queiroz[i], para definir a emergência como a criação de novas propriedades que são emergentes, ou seja, são de um nível superior e se relacionam a uma microestrutura de um sistema. Eles afirmam que uma teoria fisicalista emergente deve se comprometer com o _naturalismo_ , em oposição a entidades sobrenaturais e o _monismo_[ii]_ físico : todas as entidades são constituídas de partes físicas[iii] e seguem leis físicas.

Conforme Pessoa[iv], “quando a matéria adquire um certo grau de complexidade, aparecem propriedades genuinamente novas, que _não estão presentes em cada uma das partes separadas do todo_ ”[v]. George Henry Lewes, ao tratar da emergência, cita o caso da água: “não sabemos como a Água emerge do Oxigênio e Hidrogênio. O fato da emergência nós conhecemos; e podemos estar seguros de que o que emerge é a expressão de suas condições”.

Cabe ainda citar, conforme Pessoa, o cientista inglês Conwy Lloyd Morgan, que usou a emergência no campo da teoria da evolução biológica tratando do desenvolvimento advindo de mudanças mecanicistas, que ocorrem continuamente na evolução, mas também de efeitos emergentes que surgem no nível da vida, fora do ornamento físico mecanicista. E Charlie Dunbar Broad como o filósofo que mais trabalhou a ideia de emergência na Filosofia da Mente, que permite conciliar materialismo com não reducionismo.

Já o neurocientista Roger Sperry concebeu que os fenômenos mentais não estariam no nível neuronal, mas em uma camada acima, holista, que culminaria com a tese da _causação descendente_ , onde a consciência poderia controlar o cérebro[vi]. Nesse ponto, Pessoa lembra Jaegwon Kim, já que para ele o universo físico teria um “fechamento causal” e não haveria espaço para uma

relação causal de natureza mental.

* * *

[i] Conforme "Modos de irredutibilidade das propriedades emergentes", de Charbel Niño El-Hani & João Queiroz, 2005. URL:
<<http://www.scielo.br/pdf/ss/v3n1/a01v3n1.pdf>>, acesso em 08/03/2020.

[ii] Conforme Wikipédia: "Em geral, é o nome dado às teorias filosóficas que defendem a _unidade da realidade como um todo_ (em metafísica) ou a existência de um único tipo de substância ontológica, como a identidade entre mente e corpo (em filosofia da mente) por _oposição ao dualismo_ ou ao pluralismo, à afirmação de realidades separadas.". Endereço
<<https://pt.wikipedia.org/wiki/Monismo>>, acessado em 08/03/2020.

[iii] Geralmente podemos dizer que o constituinte fundamental da matéria é o elétron, numa simplificação do Modelo Padrão, embora se sabendo que pode se chegar a infinitos níveis de descendência e que estamos sob ameaça da teoria das cordas.

[iv] Pessoa:

<http://opessoaa.fflch.usp.br/sites/opessoaa.fflch.usp.br/files/TCFC3-16-Cap03.pdf>.

[v] Argumentação de Jaegwon Kim.

[vi] Vide causação mental aparente:

<<https://www.reflexoesdofilosofo.blog.br/2018/03/nao-estamos-no-comando.html>>.

Uma consciência, uma dificuldade - 03/03/2020

Até onde se sabe nós, humanos, somos os únicos seres que conhecemos que são autoconscientes. Por exemplo, o cachorro tem consciência, sente fome, frio e fica feliz. O cachorro tem as suas armas na luta pela sobrevivência. Porém, parece que ele não sabe que sabe disso. Ou talvez saiba, em uma escala bem menor do que a nossa. Já dos homens se diz que são animais racionais e tal

afirmação aponta para a primazia da razão que vem calcada na consciência reflexiva

O homo sapiens, que é o que somos, tem 350 mil anos[i] e seu cérebro desenvolvido remete à casa de milhares de anos. Uma bela evolução! Ou seria o cérebro (e seu produto ou sua cara metade a consciência) contra evolutivo? Bem, vejamos. A consciência não foi [ainda] definida, explicada quer seja pela ciência quer seja pela filosofia e mantém-se misteriosa. Desde Kant e sua terceira antinomia vemos o conflito da consciência com a natureza[ii]. Diríamos que o que há de mais antinatural é a consciência!

Falemos sobre a marca da morte. Vivemos sentindo a marca do tempo e buscando nossa conservação, mas não é só isso (já diria Rousseau[iii]). O cachorro também busca a sua conservação (foge quando há perigo, briga por comida, etc.), mas, provavelmente, só “lembra” que está em risco nesses momentos. Nós, humanos, podemos passar todo o tempo de nossa vida pensando na morte (nossa, dos entes queridos, etc.) ou mesmo forjar perigos fictícios que possam nos levar a uma morte nada iminente.

Mais do que isso, ao mesmo que nos conservamos destruímos o planeta e os outros animais. Seria essa mente evoluída a responsável pela provável eliminação dela própria? A consciência (a mente, o cérebro, a alma, enfim..) se choca com o mundo, não entende o mundo. Ela é feita de outro material. Na dúvida, conforme Camus, o suicídio é uma saída (nada racional!). Pois essa consciência é a primeira dificuldade no estudo da Filosofia da Mente.

* * *

[i] Conforme <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Humano>>, acesso em 03 de março de 2020.

[ii] Na verdade trata-se do conflito da liberdade com a natureza, mas aqui tomamos liberdade por consciência, conforme já explorado em: <<https://www.reflexoesfilosofo.blog.br/2016/06/um-caminho-para-liberdade-em-kant.html>>. “Kant separa a causalidade da natureza e a causalidade da liberdade, essa como faculdade de seus agentes, dos homens, ou seja, uma causa fora da série. Essa liberdade é uma liberdade transcendental, é uma ideia da razão que não vem da experiência.” Vê-se aqui a liberdade fora da natureza. Mais do que isso essa liberdade não passa de uma ideia!

[iii] Aqui remetemos ao ensaio de Rousseau que parte de um estado fictício da

humanidade em que o homem tinha um amor-de-si que se transforma em amor próprio, na medida em que o homem se socializa e quando surgem as paixões e os males da sociedade.

Duas acepções de identidade[i] - 19/02/2020

Pessoa trata da “identidade” a partir de uma distinção entre identidade quantitativa e identidade qualitativa. Segunda a Wikipédia[ii]:

A noção de identidade faz surgir um número de problemas filosóficos, incluindo a identidade dos indiscerníveis (**se x e y gozam do mesmo conjunto de propriedades, trata-se então de coisa única e mesma?**) e questões sobre mudança e identidade pessoal através do tempo (quais as condições para que a pessoa x e a pessoa y, esta de um tempo posterior, sejam a mesma pessoa?).

O que se destaca em negrito, acima, foi sucintamente abordado em texto anterior[iii]. O mote de Pessoa para esse capítulo é “Uma cópia material humana perfeita tem consciência idêntica?” e merece ser mais bem analisado, mas agora focaremos no final. De acordo com a identidade numérica 2 são 1. De acordo com a identidade qualitativa 2 são 2 (ou não...). A identidade qualitativa significa que duas coisas diferentes têm as mesmas propriedades, ou seja, são [quase] “idênticas”, embora sejam coisas diferentes. Já a identidade numérica, mais simples, diz sobre o planeta Vênus que “a estrela d’alva e a estrela Vésper são idênticas”. Trata-se do mesmo indivíduo. Já dois irmãos gêmeos são [quase] idênticos sendo diferentes.

Pessoa, remetendo ao debate entre nominalistas e realistas, conclui com a diferença de abordagem na identidade qualitativa. Tomando como exemplo um nariz idêntico de dois gêmeos univitelinos, ele pergunta se a forma dos narizes pode ser considerada a mesma ou não. Para um realista de universais, como Platão, é a mesma forma (somente uma, quantitativamente). Para um nominalista como Ockham são de fato duas: “essa” (nariz 1) e “aquela” (nariz 2)[iv].

* * *

[i] Capítulo II do curso de Filosofia das Ciências Neurais do professor Osvaldo **Pessoa** Jr, ano de 2016: <<http://opessoaf.flch.usp.br/>>.

[ii] Vide: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Identidade_\(filosofia\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Identidade_(filosofia))>, acessado em 13/02/2020.

[iii] Postagem: <<https://www.reflexoesdofilosofo.blog.br/2020/02/preliminares-da-teoria-da-identidade.html>>.

[iv] Essas coisas todas, embora pareça somente filosofia, dizem muito sobre a vida e o mundo. Veja a diferença que há entre o pensamento de Platão e Ockham. O uso de um termo, de uma identidade pode significar _muito_ em determinados contextos. Platão, quando remete a uma forma única, remete a "entidade" superior imutável. Já Ockham, que não conhecemos muito, privilegia o particular rechaçando o universal, abstrato.

Preliminares da teoria da identidade - 12/02/2020

A teoria de identidade lida com um ponto importante, a saber, se a identidade se refere a um objeto ou dois, embora no mundo da vida (mundo sensível, etc.) essa identidade não exista. E é exatamente nesse ponto que a identidade se reduz, já que é uma identidade conceitual e, como tal, transforma dois objetos em um terceiro, inexistente, abstrato.

A filosofia é uma ciência estabelecida, ela é milenar. Conceitos não são criados _ex nihilo_. Só se pode discorrer sobre um assunto filosófico a partir de um embasamento teórico, senão tergiversa-se. Entretanto, a vida é feita de aventuras e também de preliminares. Preliminares são opostos de prolegômenos. Preliminares são tentativas, tateios. Se a filosofia parte do pressuposto do constructo humano histórico, isso não significa que eventualmente não se possa ousar.

Pois bem, a identidade que nos referíamos é a teoria da identidade na filosofia da mente. Obviamente, uma introdução ao assunto, investigação dos principais pontos e objeções será feita, porém depois. Agora basta dizer: se há identidade entre mente e cérebro, a relação é idêntica no cérebro, idêntica na mente ou idêntica no conceito em si?

A mim parece que a identidade mente-cérebro é um conceito abstrato, ou seja, ela é uma negação de ambos em si, separados. É claro que o cérebro existe e podemos tocá-lo, objetivamente. Não menos claro é a dificuldade em se conceituar a mente e seu caráter subjetivo. Tais características adicionam mais um ponto de obscuridade na identidade: o fato da identidade se referir a entidades tão díspares.

Dito isto, acrescentamos que o atual estágio das pesquisas em filosofia da mente deixa muito em aberto os diferentes pontos de vista e valoriza o debate, a divergência. E talvez ainda seja longo o seu caminho para trilhar a via segura da ciência e promover a sobressalência de alguma teoria que seja referência e norte.

A consciência da ginoide[i] - 26/01/2020

Supor a existência de uma ginoide^[ii] (robô feminina com todas as características de um ser humano) é um interessante experimento mental para se verificar a existência de consciência não humana. Pessoa associa esse experimento ao teste de Turing^[iii] que seria capaz de averiguar se uma máquina pensa. Trata-se de um “jogo da imitação” em que um ser humano conversa com uma máquina imaginando ser um ser humano, sem descobrir que conversa com uma máquina. Turing previu esse desempenho para o ano 2000, previsão atualmente em 2029, segundo Raymond Kurzweil, um inventor e futurista dos EUA.

Se o argumento de Turing se refere a um computador ser pensante ou não, ele recebeu críticas por uma possível associação desse ser pensante com um ser consciente, que ele chamou de “argumento da consciência”. Segundo ele, o argumento visava negar a validade de seu teste, porém, no limite, somente sendo a máquina poderíamos ter certeza que ela pensa, assim como, somente sendo outro homem para ter certeza que ele pensa, ou seja, cairia-se em um solipsismo. Pessoa o cita:

“Não desejo dar a impressão de que penso não haver mistério acerca da consciência. Há, por exemplo, algo paradoxal ligado a qualquer tentativa de a localizar. Mas não penso que estes mistérios têm necessariamente de ser resolvidos antes de podermos responder à pergunta de que nos ocupamos neste artigo.”

Retornando à ginoide, Pessoa pergunta se ela é consciente. Por um lado, o

behaviorismo (comportamentalismo filosófico) que se vale da aparência, dos eventos externos, poderia aceitar essa atribuição ao passo que o mentalismo tenderia a negar que a ginoide tenha consciência. De nossa parte, tendemos ao mentalismo por acreditar que uma consciência não se define simplesmente por comportamentos externos ou mesmo relações causais e funcionais.

Mais do que isso, também concordamos que uma consciência traz um aspecto subjetivo e qualitativo da experiência que não pode ser atingido por uma ginoide ou robô construído artificialmente. Esse aspecto da consciência, assim posto, se aproxima mais de um sentimento, emoção ou reflexão do que uma racionalidade ou memória.

* * *

[i] Conforme Osvaldo **Pessoa** Jr., Filosofia das Ciências Neurais, Cap. I: Funcionalismo vs. Substancialismo. Em:
<http://opessoaa.fflch.usp.br/sites/opessoaa.fflch.usp.br/files/TCFC3-18-Cap01.pdf>,
acessado em 26/01/20.

[ii] Ginoide vem do grego γυνή, gynē - "mulher" e é uma expressão correlata ao masculino androide, também podendo se usar fembot (robô fêmea) e o neologismo feminoide. Em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ginoide>, acessado em 26/01/20.

[iii] Alan Mathison Turing, conhecido como o pai da computação, foi um matemático e cientista da computação britânico. Contribuiu nas áreas da ciência da computação com o conceito de algoritmo e teve papel importante na criação do computador moderno, além de pioneirismo na inteligência artificial. Em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Alan_Turing, acessado em 26/01/20.

Filosofia da Sobrevivência - 16/01/2020

A filosofia da sobrevivência rege: "é preciso sair do outro lado". Cada um luta com as armas que tem. Nesse sentido, a filosofia da sobrevivência traz o homem para perto de seus instintos. "Sair do outro lado" significa: não importa o que houve, não importa o que há, importa o que será. O foco da

filosofia da sobrevivência é ação e futuro, não planejamento ou execução com qualidade. Mais rápido, mais simples e mais fácil.

E é tão difícil sobreviver. Enquanto houver vida haverá a encruzilhada entre o medir as consequências e o fazer. É o velho dilema entre a subjetividade que seduz e a objetividade que despe qualquer sentido. A última impera porque as pessoas perderam qualquer pudor em despir-se das aparências. Pensar e pensar. Pensar cansa. Fazer e fazer. Fazer cansa. Não há mérito, entende? É só uma opção, questão de gosto. Foda-se.

Veja: eu preciso dormir! Que horas são? É de manhã. Hum... O que preciso _fazer_ para dormir de noite? Sabe, tem um monte de coisa voando aí na internet, existem assuntos superinteressantes e existem as _fake news_. Cara, vem tanta mensagem nesse WhatsApp! Meu mundo é o WhatsApp!!! :):)

Quem me colocou esse cérebro todo entranhado na minha cabeça? Um monte de massa mole. Meu cérebro lembra meu intestino, por dentro e por fora. O intestino é um monte de massa mole cheio de merda, já meu cérebro... Tem mais merda!

Azar do que pensam. Ninguém está preocupado comigo. De fato, ninguém se preocupa com ninguém porque cada um se preocupa em SAIR DO OUTRO LADO. Sabe aquele tatuinho meigo, pequeninho, bonitinho? Ele só quer sair do outro lado. E você tont@ tentando tirar uma foto dele para colocar no Face.

Eu quero beber uma, mas será que assim eu saio do outro lado?

Entrego minha alma a Deus, el@ me ajudará a sair do outro lado?

Como de boca aberta... Isso me compromete na busca do lado de lá?

Qual o lado de lá? Alguém já viu??

O

Lado

De

Lá

É

Um

Lado

Que

Não

Vemos

Que

Buscamos

Aonde?

Do

Lado

De

Lá?

Com quem????????????????????? Não importa, não é essa a questão. Preste atenção. Alooooou? Alô?

Eu estava aqui meio sei lá. Aí de repente eu fui comprar um jornal. Ali na capa haviam umas manchetes que não diziam respeito a mim, eu achei interessante, masachei também que era de um mundo meio esquisito, meio estranho, meio sem amor. Não sei, meachei meio careta. Achei que era bem ridículo ficar pensando nessas coisas. Então fui tomar um cuado no Jeová. Eu fiquei ali amuado no sol e de repente passou um muleque pedalando uma magrela com uma caixa grandona laranja nas costas. Um caixão. Eu fiquei curioso pra saber o que tinha dentro e pensei: essas caixas podiam ser transparentes, né? Falta transparência no mundo, embora as redes zelem pela transparência, diria um filósofo sul coreano.

Mas whatahell fazia o boy na bike? Saía do outro lado.

E o whatahell quem pediu fazia? Saía do outro lado.

E whatahell eu fazia? Saía do outro lado.

Você me entende agora? Você entende a filosofia da sobrevivência?

Searle on Intentionality[i] - 30/05/2020

Firstly let's define the terms of the title: intentionality and Searle general position according to what Ronald McIntyre[ii] said in the intro of his article.

Intentionality is the apparently relational property wherein certain mental states (e.g. perceptions and beliefs) are characterized as *_being 'of'* or '*about*' objects of various sorts, especially extra-mental things and states of affairs.

Searle is a physicalist but not a reductionist[*iii*]. For him, *Intentionality* is an 'intrinsic' feature of certain mental states but cannot ultimately be explained away. However, 'Intentional states are both caused by and realized in the structure of the brain'. Also Intentionality is crucial for developing a *theory of mind*, including belief, perception, intentional action, causality, meaning, and reference.

Especially here in this post our intention is to understand, from McIntyre, the relation between Husserl and Searle. Husserl called intentionality 'the principal theme of phenomenology' though Searle does not explicitly invoke the classical phenomenology. For Searle, the 'Intentional content' is a mental state, by virtue of its own internal character and its relationships to other mental states. Thus, he believes, the Intentionality of a mental state is *_independent of what is in fact true about extra-mental reality_* and the mind's actual relationship to it. This aspect of Searle's work places it in close affinity with the *phenomenological tradition*.

Some other points of Searle conception are:

- He explicitly rejects the view that the problems of Intentionality are basically linguistic or semantic problems.
- The problem of Intentionality is not a problem of explaining why sentences about Intentional mental phenomena violate certain logical principles (intensionality-with-an-s). Rather, it is the problem of explaining

how those Intentional mental phenomena themselves relate to the states of affairs they are 'of' or 'about'.

** The Nature of Intentional States: Searle's Key Concepts. **The central notion of a mental state is its nature or its 'Intentional content'. Two others contribute to it creating a kind of internal holism : the Network , a system of Intentional mental states in which the given mental state occurs and the Background , a system of non-Intentional mental capacities corresponding to the subject's bodily skills and know-how.

Searle appeals to his speech-act theory to explain Intentional content, one dependent on two things, its 'illocutionary force' (varies with the kind of speech act performed : asserting, promising, ordering, etc.) and its 'propositional content' (varies with just what it is that one asserts, promises, orders, etc.). For each speech act is the propositional content that makes the assertion true satisfying some state of affairs. The propositional content of a speech act determines its 'conditions of satisfaction'; and each speech act is thereby said to 'represent' the state of affairs that would satisfy it. The illocutionary force affects the 'direction of fit' of propositional content that can be 'word-to-world' (assertion) or 'world-to-word' (order).

We can carry over the speech-act theory to intentional states because they have 'sincerity conditions': a speech act with a certain propositional content purports to express an Intentional mental state with that same propositional content. This content occurs in mental states called 'psychological modes': belief, perception, etc., but not intrinsically linguistic. To summarize: 'Intentional states represent objects and states of affairs in the same sense of "represent" that speech acts represent objects and states of affairs'. These are the 'direction of fits' for intentional states of the psychological modes:

- Beliefs and perceptions: 'mind-to-world'.
- Intention and desires: 'world-to-mind'.

Thus, Searle's explication of the Intentionality of a mental state consists in specifying these various relations for that mental state – specifying:

- its psychological mode;

- its conditions of satisfaction;
- its direction of fit;

And, elaborating on these as necessary.[iv] This first intro is enough so far and we can go ahead later with the other topics: the similarities and differences between Searle and Husserl and also the details of the Searle's concepts.

* * *

[i] Available on:

[<http://www.csun.edu/~vcoao087/pubs/searle.pdf>] (<http://www.csun.edu/~vcoao087/pubs/searle.pdf>),

Accessed on May 12, 2020. Ronald McIntyre, "Searle on Intentionality," *Inquiry*, 27 (1984), 468-483.

[ii] Ronald McIntyre: Professor Emeritus - Department of Philosophy,

California State University, Northridge. Available on:

<<http://www.csun.edu/~vcoao087/>> and accessed on May 12, 2020.

[iii] John Searle has a concept of biological naturalism (it refutes both dualism and materialism) where mind, as a biological phenomenon, is part of the nature. One important point of this concept is that we don't say that consciousness is not physical; instead we say it is physical with an ontological part. See on:

<<https://www.investigatingtheworld.com/2018/09/uniqueness-of-consciousnessi.html>>.

[iv] However, not all _Intentional_ states so neatly fit this speech-act model. Also, it is hard to understand Searle's notions of speech-act theory at the first time. Even though the Searle's non-reductionism it is difficult to refrain from wondering just what the propositional or Intentional content of a mental state is. Searle believes he can resist such questions, partly on the grounds that his basic notions are 'logical' rather than 'ontological' ones. But McIntyre will go on this later.

Forget to learn about consciousness for a while[i] - 28/04/2020

We learn from neuroscientist the correlations between physical and conscious states but we do not learn about consciousness itself. That is because a physical description is not able to say what consciousness is (we can't get it out). If a reducible description is valid for other areas of science, this is not true for consciousness.

Since Aristotle passing through seventeen century, the science reduced the description of the phenomenon in terms of matter and motion. Matter is one thing that has a structure that can be mathematically described but consciousness not (so far).

Scientific description of matter is just describing certain properties of matter that can be described mathematically. Not all parts of matter can be captured this way. Exactly the consciousness is not possible to be described this way. The way we know that matter is completely different the consciousness is – it is only known by us internally.

For Rebecca, there is no chance for our science to move on and learn about the consciousness. She is really skeptical about that. For her, this is a limitation of our science "way of life". Well... and about the consciousness?

Dualism definitely is not the case because it means that we don't know the whole system and then we do not decide what is missing. Panpsychism can be a good theory because it puts the power in some sort of particles that can have one principle. One interesting and fundamental property not so complicated and maybe presented in all matter or arrangement. For Rebecca, it seems more plausible than reductionism or dualism.

* * *

[i] According to: <<https://youtu.be/DG6-wbFgFpY>>. _Rebecca Newberger Goldstein - Is Consciousness Irreducible?_ Watched on April 28, 2020.

The Equator Line[i] - 14/04/2020

Dennett is saying here that there are thousands and thousands of things reaching us since the time we wake up and he considers these things like micro judgments. These things can be colors, emotions, etc. However, are they processed consciously by us?

All these things happen in a chain of events where the precedent can influence the next one and over this we have a kind of notion about what is going on in the world. Dennett calls this *stream of consciousness* where we have all the events competing for the attention of the brain and over many channels (ear, nose, mouth, etc.). So, in such time, a kind of event reaches the top – what Dennett named fame [= consciousness]. On the other hands, there is an illusion, according to Dennett, that we are very right or confident about our decisions and willing – he approximates this to the Cartesian view of the things.

So, there is not a place in the brain where our decisions are located and from where we could have a domain of everything or control. There is a tremendous and complex battle inside the brain and we cannot indeed determine what is consciousness, pre consciousness, post consciousness and so on and so forth. This line would be the equator line but it is an illusory line which we can't see or deal.

* * *

[i] Digest of "Daniel Dennett - How are Brains Conscious?". In:
<https://www.youtube.com/watch?v=CSkfHDdZZ3o>.

Decoupling the decision[i] - 01/04/2020

In the beginning of the interview, RLK[ii] drove Thalia to agree that philosophers need to take neuroscientists into consideration when arguing over free will. I know that is difficult for neuroscientist to compatible a biological plausible theory that deals with billions of neurons because they know “the terms” (how the brain works, etc...).

Thalia says that is not possible to put the physical system together the free will based on her experiments that have showed that neuroscientist can cause action in patients without they have the sense of free will, so this sense is an illusion or whatever.

In her experiments with some “games”, individuals made something without the feeling of will or she put electrons in their arms that excited their hands to do movements, decoupling the feeling of action, decision, behavior. Or, she _dissociated the feeling of doing from the action of doing_.

The implication is that the feeling of doing is not relevant, but why do we need this feeling? For her, for simple actions like moving an object we don't need to know we are doing that.

Lastly, an important factor for decoupling the feeling of doing from doing is the hypnosis as a method, so doing something without having the control. The hypnosis paradigm it is the only way she found so far, but it sounds like a messy sometimes. The individuals did remember what they did but didn't remember the decision to do that (the electricity did!!!). And, of course, the problem of the amount of electrons in the body of the testers.

She finalizing saying the main critic she receives is that the experiments only show no free will for small actions but do not prove anything about big decision like get married and others, but, for her, this is a start point and philosophers need to deal with this fact.

* * *

[[i]](file:///C:/Users/quissak-l/Documents/Free%20will.docx#_ednref1)
According to the interview with _Thalia Wheatley_ about _Philosophy of Free Will,_ accessed in March, 30 2020:

<https://www.youtube.com/watch?v=go7LNWV2mOo&t>.

Do not forget Daniel Wegner as well, e.g., The Illusion of Conscious Will.

[[ii]](file:///C:/Users/quissak-l/Documents/Free%20will.docx#_ednref2) Robert Lawrence Kuhn.

Is there afterlife?[i] - 14/03/2020

After Eben Alexander[ii] has a comma experience when he sees “the other side of the life” he discovered consciousness is more than a “little voice in the head”.

As a neurosurgeon he knows there are parts in the brain that generates the voice in the head, thoughts, linguistic human brain (ego and self), parts that are responsible for the speech production and interpretation. However, Eben states that they are small regions, tiny aspects of the cortex and are not consciousness at all. Even though, they are the awareness part of us, that knows the Universe and existence.

For him, the hard problem of consciousness, that philosophers of Mind and neuroscientist pursue, will not be achieved. The more the neuroscientist study and know the physical brain the more they realize the physical brain is not the creator of the consciousness.

To defend this view he points out common observed clinical phenomenon where dement patients near death can have very clear thinking, interaction and great clarity of memories. In cases of brain damage (like autism) they have super human ability like good memory, calculation power and musical creativity that emerge out of nowhere, in his point of view.

He also quoted the experiences of Penfield working with epilepsy in Montreal in 70 decade, using electrical stimulation of the brain. In that cases, Penfield didn't find an event of free will: the patients always knew there was something triggering the action. Eben concludes saying what sounds bizarre: for him, free will and consciousness are not created in the brain and the brain is more a limiting. In fact, we have no limits when we are free of the experience to be here and now.

* * *

[i] My points of what was said in the video

<https://youtu.be/jXAWCS3FMPo>. Accessed on March 8, 2020.

[ii] Despite of the facts one can find in Wikipedia reporting he had been the subject of several malpractice lawsuits, etc. Accessible here:

[[https://en.wikipedia.org/wiki/Eben_Alexander_\(author\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Eben_Alexander_(author))]([https://en.wikipedia.org/wiki/Eben_Alexander_\(author\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Eben_Alexander_(author))), on March 8, 2020.

The consciousness of the Universe[i] - 03/03/2020

In this short video, Rupert Sheldrake criticizes the mind's concept of the materialism and defends a kind of universal consciousness, but in layers.

Robert Lawrence Kuhn starts saying that the brain scientists, like neurophysiologists and neuroscientists are materialists and they argue that consciousness is a (purely) product of the human brain (driven from the physical world).

Sheldrake answers asking how this is possible... would the consciousness come from nowhere? This sounds unconvincing for him and, more than that, this way we would live in a world strictly physical and without free will. It is a bizarre philosophy, in his words.

For Sheldrake consciousness is involved in choice and, as a matter of fact, it is a tiny part of all our unconsciousness processes (the vast majority of what we do). So, consciousness enables different possibilities to be handled together.

Rupert believes that every system in the nature that has possibilities and is not fixed can have consciousness, even the sun or galaxies. If as the materialists say that consciousness emerges from the brain (electrons) why it

cannot emerge in the sun as well? If the sun has a mind why not the other stars?

For him, there are different kind of consciousness, one of the Chinese people, another of Americans, other of the sun and another of the earth. Maybe the entire universe has a mind, maybe the molecules have mind. Nature is nested, why consciousness is not?

In his opinion, the connection between brain and consciousness by an electrical way is a pretty good candidate of explanation, even though there are plenty of papers wrote by philosophers discussing on this. But we have electrical compounds in our body, in the starts and also in the plasma. If they are the principle, so every physical body with electrical compounds can have a mind.

* * *

[i] A short commentary on the video:
<<https://www.youtube.com/watch?v=46kgmgl9fPs>>. Accessed in Mar, 3rd. "Rupert Sheldrake - Is Consciousness Fundamental?"

The soul is just a function* - 28/01/2020

Putman talks about the contribution of Computer Science to Philosophy of Mind in terms of thinking the mind as a kind of function rather than physical or chemistry.

[)](<https://blogger.googleusercontent.com/img/b/R29vZ2xl/A>

VvXsEgFE09WcG_dVHOBFoDz2ERmUS2Ra7NwAy01rCLMTKDmpU0AXZmgKmyXi6MeqsLo
39Cf9ejvy_9bW50Hw9ebk8QuJM_AuKht4cu-
kvfgmcCES3h1EvU-_e64w72yZKfc5u2Y9o0-uaTSPw8/s1600/putman.PNG)

He says that the rise of computers could result in everything being explained in terms of machines but the paradox is that it didn't contribute for this kind of **reductionism**.

Generally, according to Putman, when we work with computer we think in its programs, instructions, rules, etc., and we ignore the hardware.

Ironically, he says that there is an **emergency** (not violating the laws of physics) where we work in a high level of the organization, in the program level. So we can think in the mind the same way: instead of thinking we are spirit inboded would be better think in the relation between the mind and the body in terms of functions.

* * *

* Short digest of short interisting vídeo: <<https://youtu.be/m0YIm8p30aU>>. Acessed in Jan, 28th. Hilary Putnam on Functionalism.

Status of our investigation of brain and consciousness so far (18/01/2020) - 19/01/2020

As part of our consciousness's investigation in Philosophy of Mind, we have written 6 little posts in this blog, 4 more related to philosophy and 2 bringing scientific topics. So, let's take an overview of them, starting by science and following by philosophy.

1. **Unconscious Cerebellum (Human Brain Project)**

This post explores the actual stage of HBP researches saying that they have a

lot of information, data and good people on the matters of consciousness, neurons, skull, etc., that need to be put together. So, our time is like the time before Darwin joined the things in the theory of evolution meaning that we are a few steps of great discoveries.

<<https://www.investigatingtheworld.com/2018/03/unconscious-cerebellumi.html>>

2. **Technology to study the brain (TED: John Borghi and Elizabeth Waters)**

Here we have the three main ways scientists are investigating a live brain safely today:

1. Electroencephalography (EGG) measures electrical waves that happen when the brain cells communicate with each other.
2. Functional magnetic resonant images (fMRI) measures how quickly oxygen is consumed by brain cells showing which regions are involved during a cognitive or behavior activity.
3. Positron emission tomography (PET) allows the observation of some drugs behavior acting in our brain.

<<https://www.investigatingtheworld.com/2018/04/tech-to-study-braini.html>>

3. **Does the submarine swim? (Chomsky)**

Chomsky quoted here that the mind is just an organized matter, that is, our brain is a physical system. About unconscious actions, he argued that the task of investigating our preconscious decision is a problem that is harder than the investigation of the consciousness itself. On the other hands, when analyzing AI, for him asking if machines think is the same as asking if submarines can swim. It is a logical question and not very relevant.

<<https://www.investigatingtheworld.com/2018/03/does-submarine-swim.html>>

4. **Are you conscious? (David Chalmers)**

For Chalmers, the consciousness is the thing we better known directly. Paraphrasing Descartes he says "I am conscious therefore I am" and the other questions go to a second plan. Some of his famous arguments are:

- Zombies: they are like human but are not conscious;

- Qualias: our quality of experience;
- Easy problem / hard problem: we can know everything about the brain (easy, easy?). However, consciousness is more than physical processes in the brain and this is really hard to know.

[<https://www.investigatingtheworld.com/2018/08/are-you-conscious.html>] [<https://www.investigatingtheworld.com/2018/08/are-you-conscious.html>]

****5. ****Uniqueness of consciousness (John Searle)****

John Searle has a concept of biological naturalism (it refutes both dualism and materialism) where mind, as a biological phenomenon, is part of the nature. One important point of this concept is that we don't say that consciousness is not physical, instead we say it is physical with a ontological part.

<<https://www.investigatingtheworld.com/2018/09/uniqueness-of-consciousnessi.html>>

****6. ****The brain is only a part of the consciousness (Alva Noë)****

Noë understands that the consciousness does not reside entirely inside of us and there is a complex system behind this. For him, consciousness extends beyond our craniums in a real sense and a science of consciousness should consider the brain in dynamic involvement with the world. (This remembers me Merleau-Ponty and his concept of a consciousness that is extended along our whole body).

<<https://www.investigatingtheworld.com/2019/01/the-brain-is-only-part-of-consciousness.html>>